

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

**A Formação Desportiva em Jovens Jogadores de
Futebol de Elite em Portugal**

A influência do Local e da Data de Nascimento em jovens
internacionais portugueses de Futebol

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DO DESPORTO COM
ESPECIALIZAÇÃO EM JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS

José Pedro Gil Marra

Orientador:

Professor Doutor Paulo Alexandre Vicente dos Santos João



Vila Real, 2014

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Departamento de Ciências do Desporto, Exercício e Saúde

Marra, J. (2014). A Formação Desportiva em Jovens Jogadores de Futebol de Elite em Portugal - Influência do Local e da Data de Nascimento, e da Prática Desportiva em jovens internacionais portugueses de Futebol. Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto: Especialização em Jogos Desportivos Coletivos. Vila Real: UTAD.

E-mail: zepedrogm@gmail.com

Palavras-Chave: Futebol; Expertise; Efeito da Idade Relativa; Efeito do Birthplace; Prática Desportiva.

Orientação de:

Professor Doutor Paulo Alexandre Vicente dos Santos João (UTAD)

AGRADECIMENTOS

Ao meu Irmão, à minha Mãe e ao meu Pai.

Ao Professor Paulo Alexandre Vicente Dos Santos João, por todo o apoio demonstrado durante a realização desta investigação, em especial por ter acontecido em momentos menos felizes da sua vida.

.A todos os meus Amigos, pela sua disponibilidade, preocupação e afeto demonstrados à minha pessoa e a este estudo.

Ao Futebol, que tem estado ao meu lado desde que eu tenho memória, nos bons e maus momentos, e que me tem proporcionado tantas alegrias e desafios, de uma forma tão ativa e presente.

A todos aqueles que partilham o seu Saber e Conhecimento e tentam, de alguma forma, contribuir para um mundo mais Culto.

Ao resto da minha família, que tantas adversidades têm tido, mas que continua sempre com paciência para mim.

RESUMO

A ideia de que determinadas forças aparentemente “ocultas” atuam de forma fundamental para o aparecimento, desenvolvimento e exponenciação do Experto, está cada vez mais consolidada, tanto no desporto como em outras áreas sociais e científicas.

Com esta investigação pretendeu-se conhecer a formação desportiva de jovens jogadores de futebol de elite em Portugal, através do estudo dos seus locais e datas de nascimento, que embora sejam diferentes variáveis, se mostram complementares para a análise da expertise no futebol.

Dessa forma, foram analisados os locais e as datas de nascimento de 200 jogadores de futebol que representaram as seleções jovens de Portugal desde o escalão de Sub15 ao escalão de Sub21, durante o período entre 1 Janeiro de 2013 e 12 de Junho de 2014. A recolha dos dados sobre o local e data de nascimento dos jogadores procedeu-se através da informação disponibilizada no sítio oficial da Federação Portuguesa de Futebol (<http://www.fpf.pt/>). No que respeita à informação relativa ao número de habitantes do local de nascimento, a mesma foi coletada nos resultados dos Censos 2001, do Instituto Nacional de Estatística. Para o tratamento estatístico, foi realizada a análise descritiva, através das frequências, respetivas percentagens, média e desvio padrão, para caracterização da amostra. Foi realizado o teste Qui-Quadrado, comparando-se a distribuição de frequência das datas de nascimento entre os grupos de acordo com as categorias. Recorreu-se ainda à Anova para verificar diferenças entre a naturalidade e as posições dentro do campo. A fim de testar o efeito local de nascimento, o odds ratio (OR) foi calculado para determinar a probabilidade das diferentes posições para cada dimensão das cidades, e intervalos de confiança a 95% (IC) foram calculados em torno de cada OR. Utilizou-se o programa SPSS 21.0 for Windows e o nível de significância estabelecido em 5%. Os resultados obtidos evidenciam (1) que existe Efeito da Idade Relativa. Tal é observável quando se compara a data de nascimento à posição ocupada em campo, às regiões de nascimento e a cada escalão competitivo; (2) que existe um Efeito do Birthplace. Verificável quando se compara a naturalidade às posições ocupadas em campo, quando se analisam determinados intervalos populacionais, e quando se compara a região de nascença às posições ocupadas em campo. Os resultados sugerem ainda a importância da identificação de expertos no futebol, devido ao número razoavelmente elevado de jogadores que foram convocados quando atuavam em clubes fora do seu concelho de nascimento.

Palavras-Chave: Futebol; Expertise; Efeito da Idade Relativa; Efeito do *Birthplace*; Recrutamento.

ABSTRACT

The idea that certain "hidden" forces act in a fundamental way to the emergence, development and exponentiation of the Expert, is increasingly consolidated, both in sport and in other social and scientific areas.

This investigation is intended to meet the sports training of young elite soccer players in Portugal, through the study of their locations and dates of birth, which although being different variables, appear complementary to the analysis of expertise in soccer.

Therefore, the places and dates of birth of 200 football players who represented the youth selections of Portugal from the U15 team to U21 team during the period between January 1, 2013 and June 12, 2014, were analyzed. The collection of data on the location and date of birth of the players had proceeded through the information available on the Portuguese Football Federation official website (<http://www.fpf.pt/>). With regard to information on the number of inhabitants of the place of birth, it was collected on the results of Census 2001, offered by National Statistics Institute. For statistical analysis, descriptive analysis was performed through the frequencies, the respective percentages, mean and standard deviation for sample characterization. Chi-square test, comparing the frequency distribution of birth dates among groups according to categories was conducted. ANOVA was used to check the differences between local of birth and positions within the field. The data was processed with the program SPSS 21.0 for Windows and the level of significance set at 5%. The results show: (1) that there is a Relative Age Effect. This is observable when comparing the birth date with the positions, regions of birth and every competitive level team; (2) a significant Birthplace Effect. Verified when comparing birthplace with positions occupied in the field, when analyzing certain population intervals, and when comparing the region of birth to the positions occupied in the field. The results also suggest the importance of identifying experts in football, due to the fairly high number of players who were selected when played in clubs outside their county of birth.

Keywords: Football; Expertise; Relative Age Effect; Birthplace Effect; Recruitment.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO.....	v
ABSTRACT	vi
ÍNDICE GERAL	vii
ÍNDICE DE QUADROS	ix
ÍNDICE DE FIGURAS	x
ÍNDICE DE ABREVIATURAS.....	xi
I. INTRODUÇÃO	1
II. REVISÃO DA LITERATURA	4
2.1. EXPERTISE: UM CONCEITO SOBRE OS MELHORES.....	4
2.1.1. Teoria da Prática Deliberada – o expertise através da prática, prática e mais prática!	5
2.1.2. Modelo de Desenvolvimento da Prática Desportiva - exploração de uma prática diversificada que procura formar os melhores... ..	12
2.2. A DATA DE NASCIMENTO E A IDADE INFLUENCIAM O SUCESSO? UMA QUESTÃO RELATIVA SOBRE O SEU EFEITO!.....	15
2.3. ANTES DO EXPERT SER, TEM DE NASCER! E INTERESSA SABER ONDE?.....	22
III. ESTUDO 1	29
3.1. INTRODUÇÃO.....	29
3.2. MATERIAL E MÉTODOS.....	30
3.2.1. Amostra	30
3.2.2. Procedimento da recolha de dados	31
3.2.3. Procedimento estatístico.....	31
3.3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	32
3.3.1. O Efeito da Idade Relativa no Futebol Jovem de Elite em Portugal... ..	32
3.3.1.1. ... em função das posições ocupadas em campo.....	32
3.3.1.2. ... em função das regiões de nascimento.	36
3.3.1.3. ... em função do escalão de seleção.	38
3.3.2. O Efeito do Birthplace no Futebol Jovem de Elite em Portugal... ..	40

3.3.2.1. ... em função da naturalidade consoante os intervalos populacionais.....	41
3.3.2.2. ... na comparação entre as posições ocupadas em campo e a região de nascimento.	43
3.3.2.3. ... em função dos distritos e países de nascimento.	46
3.3.3. A identificação do Jogador de Futebol Jovem de Elite em Portugal!	47
3.4. CONCLUSÃO	50
IV. CONCLUSÕES GERAIS	52
V. CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS	56
VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Resumo das teorias para explicar os agentes sociais que influenciam o efeito da idade relativa (adaptado de Hancock, Adler & Côté, 2013).	19
Quadro 2: Discriminação da amostra sobre o Estudo da influência do EIR e do EB	31
Quadro 3: Frequências absolutas e relativas dos quartis de nascimento em função da posição em campo.....	33
Quadro 4: Frequências absolutas e relativas das regiões de nascimento em função dos quartis de nascimento.....	36
Quadro 5: Frequência e distribuição das percentagens dos jogadores e respectivas posições nos 8 intervalos populacionais do estudo e os respectivos odd ratios e IC a 95% relativo ao alto rendimento no futebol de formação.	41
Quadro 6: Média e dp, IC a 95% e o valor de p da naturalidade em função das posições	43
Quadro 7: Frequências absolutas e relativas das regiões de nascimento em função da posição em campo.....	44
Quadro 8: Frequências absolutas e relativas dos jogadores convocados fora do seu concelho de nascimento em função dos trimestres de nascimento.....	48
Quadro 9: Frequências absolutas e relativas dos jogadores convocados fora do seu concelho de nascimento em função das posições em campo.....	50

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Modelo teórico dos agentes sociais que influenciam os efeitos da idade relativa. Nota: SFP – profecia auto realizável (adaptado de Hancock, Adler & Côté, 2013).....	20
Figura 2: Frequências dos jogadores de cada escalão em função dos quartis de nascimento	39
Figura 3: Frequências dos jogadores de cada escalão em função da posição em campo.....	40
Figura 4: Frequência dos jogadores convocados segundo o seu distrito de nascimento	46
Figura 5: Frequência dos jogadores convocados nascidos no estrangeiro segundo o seu país de origem	47

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

EIR – Efeito da Idade Relativa

EB – Efeito do *Birthplace*

TPD – Teoria da Prática Deliberada

MDPD – Modelo de Desenvolvimento da Prática Desportiva

I. INTRODUÇÃO

A identificação de indivíduos expertos é transversal a muitas áreas da sociedade, não podendo o Desporto ser considerado uma exceção. No Desporto, o estudo dos melhores tem recolhido muito esforço, muita dedicação e investimento, tanto por parte dos investigadores, como por parte de Federações, Associações e Clubes. O Futebol em particular, fruto da sua importância global para a sociedade e do seu elevado número de praticantes e aspirantes, tem desenvolvido muito do seu trabalho no processo de formação, identificação e recrutamento de expertos, procurando cada instituição obter um número cada vez mais elevado de jogadores de Top.

Por expertise entende-se ser o conceito que traduz uma alta e excelente performance num domínio específico (Valente, 2008), que se caracteriza pela existência de uma estabilidade e mensurabilidade da performance durante um longo período de tempo (Ericsson & Smith, 1991), e onde os expertos, indivíduos que manifestam a expertise, têm a capacidade de selecionar as ações mais apropriadas e executá-las de uma forma mais rápida (Ericsson, 1996). Já a Expertise Desportiva é o longo e complexo processo de aquisição e manifestação de aptidões desportivas, físicas, cognitivas e psicológicas (Singer & Janelle, 1999; Durand-Bush & Salmela, 2002).

A Prática, tanto como processo aquisitivo como processo manifestante surge como uma pedra basilar em toda a Expertise Desportiva, existindo, contudo, correntes que utilizam a Prática de diferente forma para justificar esse mesmo processo, procurando-se através desta investigação debruçar-se sobre duas delas.

Em primeiro, pretendeu-se saber mais sobre a Teoria da Prática Deliberada proposta por Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993), assente no esforço, na concentração, na estruturação de exercícios e na valorização da quantidade de Prática - “regra dos 10 anos”; e em segundo, tentou-se conhecer melhor o Modelo de Desenvolvimento para a Prática Desportiva. Este modelo apresentado por Côté (1999), baseia-se na evolução do jogador segundo três estádios, e que se expande numa primeira etapa desde o “Jogo Deliberado”, com a estimulação do desenvolvimento desportivo a ser feito através de

atividades mais lúdicas e diversificadas; passa por uma etapa intermédia onde há já uma menor diversificação da prática e começa a existir um foco na especialização da modalidade predileta; e vai até a derradeira etapa onde o jogador se foca e aplica o seu investimento apenas numa modalidade desportiva, derivando para uma “Prática Deliberada”.

Para alcançar a Expertise Desportiva tão desejada, o indivíduo, seja ele jogador ou atleta, é condicionado por vários fatores tanto de ordem genética como ambiental. A literatura diz-nos que fatores intrínsecos como os traços psicológicos, a estrutura músculo-esquelética, o sistema energético músculo-esquelético; quando relacionados com fatores ambientais como a qualidade do processo de treino, o coaching, e o suporte familiar, promovem no jogador/atleta alterações que o potenciam a alcançar a expertise desportiva (Baker & Horton, 2004; Davids & Baker, 2007).

O experto desportivo manifesta assim as suas competências através do domínio técnico, cognitivo, emocional e fisiológico, sempre segundo uma relação ativa e integrada destes quatro domínios entre si, sendo que quando eles existem isoladamente, o indivíduo não é capazes de se mostrar como um experto desportivo (Janelle & Hillman, 2003).

Não descurando a importância de certos fatores genéticos para alcançar a expertise desportiva, sobretudo o fisiológico que tem uma grande importância no desporto, ao contrário do que tem em todas as outras áreas, é sobre certos fatores ambientais que procuraremos refletir e debater neste estudo.

Nessa busca pelo saber, a literatura tem oferecido bastantes investigações sobre algumas das variáveis relacionadas com o contexto ambiental da formação do jogador/atleta de elite, que procuram identificar elementos comuns presentes no experto desportivo.

Desses vários parâmetros, a presente investigação destaca o Efeito da Idade Relativa, que aborda a diferença de idade entre crianças pertencentes a um mesmo escalão etário, e que tem sido bastante estudado, não apenas no Desporto mas também nas Ciências da Educação (Helsen et al., 1998; Musch & Grondin, 2001; Hancock et al., 2013); e o Efeito do Birthplace (local de Nascimento), que tenta explicar as diferenças que existem em relação ao local onde o jogador vive e se desenvolve nos primeiros anos de vida, e onde ele “sofre” as primeiras estimulações neuro-motoras e até mesmo desportivas

(Côté, J. et al. 2006; Davids & Baker, 2007; Macdonald et al. 2009). Curiosamente estas variáveis têm-nos oferecido resultados que nem sempre se mostram congruentes entre e intra-investigações.

Considera-se ainda ser importante abordar a questão da identificação e do recrutamento de indivíduos expertos no futebol, durante esta investigação. Por muitas das vezes se investir mais no recrutamento de jogadores, do que propriamente no processo formativo dos mesmos (Costa, 2009), é necessário existir um melhor entendimento sobre esta matéria, em especial quando existem estudos que nos indicam que os jogadores de futebol, são muitas vezes oriundos de outras localidades que não aquelas das sedes dos seus clubes (Costa et al., 2013).

Com esta investigação, pretende-se entender até que ponto o local e data de nascimento atuam sobre o jovem de elite português e na sua capacidade de alcançar patamares de excelência no futebol.

De forma a se conseguirem concretizar esses objetivos, foi feita uma pesquisa sobre os locais e datas de nascimento dos jovens jogadores internacionais portugueses, no sítio oficial da Federação Portuguesa de Futebol.

II. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. EXPERTISE: UM CONCEITO SOBRE OS MELHORES

A Expertise Desportiva tem sido extensamente estudada ao longo dos últimos anos, na procura de um entendimento de todo o processo de nascimento, desenvolvimento e consolidação de performances desportivas superiores por parte de determinados indivíduos denominados como Expertos. Todavia, mesmo com tantos estudos e investigações, existem alguns conceitos controversos dentro desta temática.

Segundo Araújo (2004), o próprio conceito de Talento, apareceu para explicar algo que é difícil de ser explicado e que está relacionado com um bom desempenho dos praticantes. Por isso, e seguindo a ideia de Maciel (2008), não se irá utilizar muito a palavra Talento neste estudo, optando-se antes por adjetivar o indivíduo com rendimento desportivo superior como um indivíduo Experto. Assim segue-se antes a definição do Dicionário da Língua Portuguesa - 2006 (2005: 1595) que nos diz que o experto é alguém “experiente, perito, versado, entendido”. Com esta definição, o Experto será um indivíduo experimentado, um indivíduo com uma forte componente prática na sua própria formação, que domina o saber sobre a sua área de excelência.

O desenvolvimento do Experto, e das suas prestações de rendimento superior, resultam num processo longo, continuado e evolutivo que ocorre durante anos e décadas (Ericsson, 2003; Starkes & Ericsson, 2003). Assim, o contexto desse processo assim como a sua qualidade e quantidade da prática despendida nele são determinantes para alcançar a excelência.

Pegando-se então na Prática e na sua importância para o desenvolvimento de indivíduos com performances desportivas superiores, surgem diferentes teorias que sugerem a existência de dois caminhos para alcançar a excelência. São elas a Teoria da Prática Deliberada (TPD) (Ericsson, Krampe & Tesch-Romer, 1993) e o Modelo de Desenvolvimento da Prática Desportiva (MDPD) (Côté, 1999), já que poderão representar respetivamente 1) o caminho para o alto rendimento através de uma especialização precoce, e 2) o caminho para o alto

rendimento através da progressão de diferentes estádios de evolução (Strachan et al., 2009).

2.1.1. Teoria da Prática Deliberada – o expertise através da prática, prática e mais prática!

A TPD foi inicialmente sugerida por Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993), como sendo um mecanismo capaz de vir a oferecer à posteriori níveis de performance de excelência. A Prática Deliberada é descrita como o sistema de prática bastante estruturada, exigente ao nível do esforço e concentração, e orientada e motivada por objetivos relacionados com a melhoria das performances (Côté et al., 2003; Ericsson, Krampe & Tesch-Romer 1993).

A Prática Deliberada é também caracterizada pela presença de tarefas individuais, assentes nos conhecimentos e habilidades preexistentes, oferecendo um nível de dificuldade adequado, com Feedback imediato e informativo, com oportunidades de repetição e com a necessidade de ajustes precisos e correção de erros próprios. Tudo isto sem que deste tipo de prática tenha de haver propriamente prazer imediato, embora este possa estar inerente à atividade e ao alcance dos objetivos estabelecidos (Ericsson, 1996; Ericsson, Krampe, & Tesch-Romer, 1993).

Esta última questão da “Prática sem Prazer” é ainda muito debatida e está longe de gerar consenso, já que são imensos os relatos, nomeadamente no futebol, que nos falam de alegria e felicidade que vários jogadores expertos sentem nos seus primeiros anos de contacto com a modalidade, anos que se mostram terem sido fundamentais para alcançar as suas capacidades de Top. Além do tipo ou qualidade de Prática existente neste processo, esta teoria oferece também uma ênfase extraordinária à quantidade da prática a que os indivíduos estão sujeitos nas suas atividades. Com base nalguns estudos realizados, Ericsson (1996) sugere a “regra dos 10 anos” como sendo o tempo necessário de preparação para que os indivíduos alcancem a excelência, acrescentando ainda que os praticantes devem despender cerca de 4 ou 5 horas diárias de exercitação para conseguir os objetivos pretendidos.

Com tais evidências, esta teoria afirma que, a iniciação deve começar o mais precocemente possível, com vista a que o jogador alcance um nível de rendimento superior numa idade não muito avançada, já que a carreira de jogador de futebol é de relativa curta duração.

Para além da Prática per si, outros fatores deverão ser considerados quando procuramos refletir sobre a Expertise desportiva. Alguns deles mais relacionados com o próprio praticante, outros com o seu contexto de crescimento e desenvolvimento, existem certos aspetos que condicionam a aprendizagem de um rendimento superior e que contribuem para o alcance, ou não de um patamar de excelência.

Abordando alguns exemplos, pode-se fazer referência ao estudo comparativo sobre a Prática Deliberada, de Theiler, s/d, em que fala de seis fatores adicionais - mas que se relacionam com a própria Prática Deliberada - e que contribuem para o desenvolvimento de Expertos: influência parental, motivação, papel do treinador/professor, feedback, idade de iniciação, e a própria performance. Goleman (2003) refere ainda outros fatores intrínsecos como a persistência e o entusiasmo, fundamentais para o indivíduo ser capaz de se dedicar ao seu processo de aprendizagem durante um período tão longo como são os 10 anos.

É importante, por isso ressaltar que todo o Experto está inserido num determinado contexto, que ganha assim um papel fundamental e determinante no seu desenvolvimento. Pais, professores/treinadores, mas também os pares, parecem exercer uma influência sobre o desenvolvimento dos Expertos (Côté, Baker & Abernethy, 2003; Ericsson, 1996), tal como o próprio ambiente socioeconómico em que os Expertos estão inseridos (Côté et al., (2006).

Pegando nestas ideias é pertinente tentar-se clarificar agora melhor do que o que o experto precisa para ser considerado como tal.

Abordando a componente prática e de experiência na obtenção de um desempenho superior, Janelle e Hillman (2003) sugerem quatro domínios diferentes que os atletas/jogadores terão de desempenhar para alcançar patamares de excelência desportiva: domínio cognitivo (tático-estratégico; percetivo-tomada de decisão); domínio técnico; domínio emocional; e domínio fisiológico.

Considera-se muito importante a concepção dos mesmos autores, que advertem para a necessidade dos diferentes domínios serem vistos e analisados de uma forma conjunta, já que nem sempre acontece em torno da investigação da excelência desportiva. São então propostos:

Domínio Técnico - todo o jogador de elite tem de dominar os mais variados recursos técnicos que lhe permitam ser funcionalmente eficaz nas suas ações e comportamentos em jogo, apresentando por isso um elevado grau de coordenação sensoriomotora (Dias, 2005).

O experto tem de dominar os seus recursos técnicos de uma forma contextualizada com o próprio jogo. Ou seja, para ser considerado tecnicamente experto no futebol, o jogador não tem necessariamente de saber fazer muitos truques com a bola, semelhantes aos dos malabaristas circenses ou dos “freestylers”. Os aspetos técnicos da habilidade ditam o nível global de desempenho em modalidades como a ginástica, a patinagem artística e a natação sincronizada, mas no caso do futebol, apenas contribuem para a qualidade global do movimento. Isto é, fazem só sentido quando contextualizados com o próprio jogo (Dias, 2005).

A preocupação do jogador é de saber resolver tecnicamente os vários problemas que vão surgindo ao longo do jogo, acolhendo em si um vasto leque de recursos que lhe permitam ultrapassar esses mesmos obstáculos.

O domínio técnico é potenciado através da influência da prática e do treino. Pode-se afirmar que “o treino prolongado e sistemático promove o reconhecimento, a recordação e a retenção de modelos de movimentos coordenados, refinados e eficientes” (Janelle & Hillman, 2003). A prática permite aos expertos construir um conhecimento técnico-específico sobre o jogo. Esse conhecimento ajuda-os a realizarem as suas ações eficazmente de uma forma automática, que os jogadores não-expertos não conseguem.

Domínio Cognitivo – todo o jogador experto terá de saber analisar e interpretar o jogo, percebendo quais as soluções mais adequadas para resolver os diferentes problemas que surgem. É através da capacidade de gerir o Domínio Cognitivo que o jogador determina a melhor estratégia a utilizar na circunstância do jogo (Dias, 2005).

Segundo Janelle e Hillman (2003), a expertise cognitiva pode-se dividir em dois subdomínios: conhecimento tático e estratégico; e qualidade de percepção e de tomada de decisão.

O primeiro subdomínio refere-se à capacidade de decidir sobre qual a estratégia mais adequada numa determinada situação, e à capacidade de decidir a estratégia capaz de ser executada, tendo em conta os constrangimentos dos movimentos requeridos (e.g., McPherson, 1994; Starkes, 1993, in Janelle & Hillman, 2003). Podemos ainda acrescentar que a existência de uma extensa base de conhecimento declarativo e processual permite a que os jogadores selecionem respostas mais ajustadas garantindo um *background* de factos e procedimentos, de onde são adaptadas estratégias táticas, que potenciam a eficácia da tomada de decisão (Janelle & Hillman, 2003).

O subdomínio referente à qualidade de percepção e de tomada de decisão aborda a capacidade do jogador retirar do meio ambiente as informações principais, desprezando as irrelevantes. A percepção que o jogador experto tem sobre o meio permite-lhe, conseqüentemente, decidir de uma forma mais rápida e certa, em comparação com o jogador não-expertos (Janelle & Hillman, 2003).

Segundo French e Thomas (1987) e McPherson e Thomas (1989, in Guilherme Oliveira, 2004: 63) os expertos têm assim a capacidade de:

1. Reconhecer padrões de jogo com maior rapidez e precisão.
2. Detetar e localizar os aspetos mais relevantes que acontecem no seu campo visual, com maior rapidez e precisão.
3. Antecipar as ações dos adversários, baseando-se em pistas visuais, mais eficazmente.
4. Revelar um conhecimento superior em situações mais prováveis de acontecer.
5. Ajustar as suas decisões táticas à situação.
6. Ter um conhecimento declarativo (matérias específicas) e um conhecimento processual (ações) mais estruturado e aprofundado.
7. Possuir capacidades superiores de auto controlo.

São várias as capacidades que incorporam este domínio, como a tomada de decisão, a memória, a percepção e a antecipação, sendo por isso considerado o Domínio mais complexo nos JDC (Dias, 2005).

Também ao nível da memória os expertos parecem estar mais evoluídos, já que apresentam um nível mais completo e diferenciado a gerir esta capacidade, permitindo-lhes recuperar a informação de uma forma mais rápida e eficiente, não só ao nível da memória cerebral, mas também numa memória corporal, hierárquica e dinâmica, porque se adapta e atualiza conforme a prática e o treino (Garganta, 2005).

Domínio Emocional – o experto, através da gestão emocional, tem a capacidade de selecionar e direcionar a informação do jogo associando-a mesmo a estados positivos ou negativos.

Segundo Janelle e Hillman (2003) o domínio emocional está dividido em duas áreas: a regulação emocional, que relata a capacidade que o indivíduo tem em controlar e dominar as suas emoções. Isto é, é a habilidade para influenciar e exercer algum controlo sobre a sua própria emoção, contribuindo em muito para a variação do sucesso da performance do atleta; e as perícias psicológicas, que são as habilidades do indivíduo em lidar com fatores que podem influenciar a prontidão emocional, como a motivação, a definição de objetivos a alcançar, a construção da confiança, a adoção de uma atitude positiva, visualização e treino mental, “treinabilidade” e as relações interpessoais.

Segundo Filipa Dias (2005), a Emoção nos expertos atua e influencia positivamente ainda sobre: as aprendizagens e respetivos conhecimentos; as memórias; a tomada de decisão; e a concentração.

Domínio Fisiológico – todos os jogadores só alcançam o nível superior se fisiologicamente conseguirem responder às exigências top do desporto, já que este domínio da expertise é considerado como exclusivo do desporto, não fazendo sentido para outras áreas como o xadrez, a música, a eletrónica, matemática e programação de computadores (Janelle & Hillman 2003). Contudo, o meio de alcance do expertise fisiológico suscita alguma discussão na comunidade científica.

Surgem, neste debate, duas correntes de ideias. A primeira defendida por investigadores como Wilmore e Costill (1991, in Janelle & Hillman, 2003) que

acreditam que, com exceção da altura do indivíduo, fatores morfológicos e tipos de fibras musculares podem sofrer alterações através de uma prática extensa e sistemática. E onde a prática aparece como um elemento com papel fundamental na melhoria das capacidades fisiológicas do indivíduo, dando-se importância tanto à quantidade como à qualidade da mesma ao longo do seu processo de formação desportiva.

Já outros fisiologistas do desporto defendem que os limites impostos ao jogador são geneticamente determinados (e.g., Bouchard et al., 1992, 1997; Klissouras, 1997; Swallow et al., 1998, citados por Janelle & Hillman, 2003), contribuindo para a ideia de que um jogador/atleta estará pré-determinado a alcançar o top, já que terá condições fisiológicas pré-determinadas para lá chegar.

Importa, contudo, fazer ainda uma referência e dar a devida importância às questões genéticas, e ao que as mesmas oferecem ao indivíduo. A genética é como “um ponto de partida” importante para que o indivíduo consiga alcançar a Expertise, precisando contudo de todo um contexto favorável para ele exponenciar todo o seu potencial inato (Levitin, (2007).

No Futebol de Alto Rendimento, podemos dar um exemplo concreto do guarda-redes, em que a genética, contribuindo potencialmente para a sua altura, confere-lhe logo uma vantagem sobre os seus pares mais baixos. Claro que a questão não é assim tão linear, mas a influência da altura, neste caso existe, e a da genética também.

Esta dicotomia de opiniões sugere um estudo mais aprofundado sobre este último domínio do expertise.

O Expertise surge aqui como algo que é extensível a diferentes atividades, em que os Expertos evidenciam os domínios descritos acima em diferentes áreas de expressão, e com a exceção do Domínio Fisiológico, não apenas no Desporto. Parecem existir características comuns a diferentes Expertises, considerando-se o talento como uma qualidade generalizada e extensível a diversas atividades (Ericsson, 1996). No entanto, os Expertos no Futebol são algo em concreto e em específico, mesmo que apresentem competências superiores noutras atividades, nomeadamente naquelas em que apresentam grande semelhança estrutural com o Futebol (Maciel, 2008). Estudos

realizados parecem verificar correspondência entre diferentes os domínios de Expertise. No caso dos Expertos de Futebol, os mesmos apresentam vantagens a nível cognitivo e preceptivo, fruto da especificidade da modalidade que estimula estas competências (Ward & Williams, 2003)

Segundo a TPD pode-se então especular que a construção e o alcance de desempenhos de excelência são condicionados, sobretudo, por aspetos exógenos. Uma elevada quantidade de estímulos e de prática assumem um papel preponderante na exponenciação de Expertos, advindo por isso uma enorme potencialidade da prática se iniciar o mais precocemente possível (Maciel, 2008). Segundo Ericsson (1996) os Expertos tendem em iniciar a sua aprendizagem antes dos 5 anos de idade, mostrando-se tal facto fundamental para se alcançarem performances de excelência no futuro.

No que ao futebol diz respeito, e segundo os relatos de numerosos Expertos na modalidade, a precocidade da iniciação na modalidade é relacionada com uma avultada quantidade de estímulos específicos, estímulos relacionados com o próprio Jogo de Futebol (Dias, 2005).

Por outro lado, Maciel (2008) fala de uma ideia mais híbrida, em que afirma que para se atingir o Expertise no Futebol, a prática inerente à sua aprendizagem deverá ser sempre uma prática assente nessa mesma modalidade mas que contemple também padrões motores capazes de se ajustarem a outras modalidades. Partindo da ideia de que o Expertise resulta da manifestação de competência numa determinada atividade específica e que o Futebol necessita de um grande ajuste e funcionalidade corporal, contrariando a própria tendência evolutiva, torna-se fulcral que a prática inerente à sua aprendizagem seja, ao nível dos estímulos, específica e precoce, baseada e orientada no futebol, mas aberta e potenciadora ao aproveitamento de certas competências desportivas para outras modalidades.

Este último ponto referente a uma aprendizagem orientada muito precocemente a uma determinada atividade, não é consensual. Por um lado temos a ideia defendida por aqueles que acreditam que a estimulação em idades precoces deva ser o mais diversificada e multilateral possível (Côté, 1999; Marques, 2005) Por outro, existe também quem sugira que para se atingirem patamares de excelência, a aprendizagem deva ser orientada para determinada atividade (Ericsson et al., 1993; Janelle & Hillman, 2003).

2.1.2. Modelo de Desenvolvimento da Prática Desportiva - exploração de uma prática diversificada que procura formar os melhores...

Tal como já foi abordado em pontos anteriores, a Prática surge como um fator fulcral, estimulante e potenciador do desenvolvimento das qualidades do atleta/jogador. Com este reconhecimento aparece o desafio de tentar saber sobre qual a Prática que o jogador deverá seguir para alcançar patamares de excelência.

A Prática Deliberada aparece como uma das teorias de desenvolvimento desportivo com papel mais preponderante da investigação. Contudo, a mesma, por se focar tanto na prática *per si* exclui o brincar, o jogar, a competição e a observação de outras atividades relativas ao domínio, havendo a necessidade de outras investigações surgirem para suportar, de uma forma alternativa, o desenvolvimento do expertise (Cândido, 2012).

Segundo Marques (2005) quanto mais rica, multilateral e variada for a estimulação desportiva numa criança, melhor, já que lhe permite desenvolver-se mais e melhor do ponto de vista motor. São por isso várias as vivências e experiências de carácter multilateral que deverão ser inseridas nos processos de formação de Expertos, fomentando-lhes um maior repertório motor (Maciel, 2008).

Na tentativa da investigação encontrar uma alternativa à TPD, que conta com alguns pontos, no mínimo, polémicos, apareceu o MDPD apresentado por Côté (1999), que procura dar importância a outro tipo de prática, mais lúdica, prazerosa e diversificada (*early sampling*), admitindo porém a possibilidade de também se alcançar o expertise através de uma especialização precoce (*early specialization*), assente nas bases da TPD (Côté et al., 2003).

Para o MDPD o prazer, o divertimento e a motivação são tidos em consideração como elementos de desenvolvimento desportivo, chocando assim com as considerações da TPD, que despreza um pouco estes elementos. Segundo os autores da MDPD, a falta de prazer e divertimento na realização das tarefas no processo de aprendizagem, carências essas preconizadas por outros modelos, poderão ser responsáveis por muitos casos de abandono da

prática desportiva, em especial nas idades de iniciação. É aqui que entra um conceito fulcral para o entendimento do MDPD, o conceito de “Jogo Deliberado” (Côté, 1999; Côté, Baker & Abernethy, 2003). O Jogo Deliberado é definido por Cândido (2012) como sendo “atividades físicas, divertidas, intrinsecamente motivantes, imediatamente gratificantes e concebidas para proporcionar divertimento ao atleta”. Este exprime a participação voluntária em jogos informais e adaptados a regras flexíveis, sem grandes requisitos, em qualquer espaço, com número variável de jogadores, idades e tamanhos, supervisionado, muitas vezes, somente pelas próprias crianças (Côté et al., 2009).

O Jogo Deliberado caracteriza-se pela realização de atividades em que as regras de jogo são modificadas e adaptadas pelas próprias crianças, e também pela organização e monitorização dessas atividades por elas próprias. Podemos considerar o Basquetebol de Rua e o Futebol de Rua como dois bons exemplos de Jogo Deliberado, em que as equipas se apresentam com número reduzido de jogadores e com equipas de escalões etários variáveis (Berry, Abernethy & Côté, 2008).

Para além do conceito de Jogo Deliberado, Côté (2008) propõe três princípios para a criação do seu MDPD: 1) Os atletas de elite experimentam vários desportos durante a infância, em vez de se especializarem em apenas um desporto; 2) Durante a infância, os atletas de elite estão envolvidos numa maior quantidade de jogo deliberado do que prática deliberada; 3) Durante a adolescência e os anos de adulto, os atletas de elite estão envolvidos numa maior prática deliberada e menor jogo deliberado.

O MDPD estrutura ainda o desenvolvimento do expertise segundo três fases: 1) anos de diversificação (*sampling years*); 2) anos de especialização (*specializing years*); e 3) anos de investimento (*investment years*) (Barreiros, Côté & Fonseca, 2013).

Sobre a primeira fase, o MDPD sugere que as crianças iniciam a participação desportiva entre os 6 e os 12 anos de idade, tendo os pais um papel importante na promoção de atividades extracurriculares, entre as quais, o desporto (Barreiros, et al. 2013). Este modelo sustenta que a primeira etapa se caracterize pela (1) diversificação da prática através de diferentes desportos; (2) com quantidades elevadas de jogo deliberado e pouca importância às

atividades de prática deliberada (Côté et al., 2009). Segundo Côté (1999), a participação das crianças em atividades lúdico-desportivas faz-se naturalmente e com prazer na sua realização. É aqui que se manifesta o conceito central do MDPD, e abordado acima, o Jogo Deliberado.

A segunda fase, marcada pelos anos de especialização, dos 13 aos 15, caracteriza-se por acolher de uma forma equilibrada, um misto de prática deliberada e de jogo deliberado, onde se verifica uma redução do envolvimento em diferentes modalidades desportivas.

Na terceira e última etapa, aproximadamente aos 16 anos, surge o investimento por parte do jogador/atleta, na modalidade desportiva elegida, onde as atividades da prática deliberada adquirem predominância comparativamente às atividades de jogo deliberado.

Segundo o MDPD, a prática diversificada irá permitir à criança adquirir diferentes experiências em imensos contextos, potencialmente importantes para a aquisição de inúmeras capacidades fulcrais antes de uma especialização num só desporto (Côté et al., 2009), existindo ainda a possibilidade de transferência de aprendizagens necessárias noutros desportos para a prática da modalidade de especialização (Baker et al., 2003).

A diversificação da prática desportiva como caminho compatível com desempenhos superiores tem sido sustentada por diversos estudos elaborados tendo em conta diferentes desportos e culturas: hóquei em campo, basquetebol (Baker et al., 2003), ténis (Carlson, 1988; Côté, 1999; Bloom, 1985), triatlo (Baker et al., 2006), remo (Côté, 1999), voleibol (Leite, Baker & Sampaio, 2009), e futebol (Martins, 2011).

Surge, contudo, a questão do MDPD contemplar e aceitar a possibilidade de se atingirem níveis de expertise através da especialização precoce num único desporto. Esse facto surge com a valorização da competição no processo formativo do jogador, condicionada muitas vezes por interesses económicos, que obriga indiretamente a uma especialização e seleção de jovens em idades cada vez mais precoces (Côté & Hay, 2002), independentemente do bem ou do mal que tal especialização poderá provocar no jovem.

Por isso é que este modelo de desenvolvimento de expertise é mais flexível, já que aceita as ideias dos autores que defendem a especialização precoce como imperativo, de modo a se adquirir o expertise o mais rápido possível em

diferentes competências específicas, através da prática deliberada. Aceita que esse caminho é concretizável mas defende um outro tipo de processo (Côté et al., 2009).

2.2. A DATA DE NASCIMENTO E A IDADE INFLUENCIAM O SUCESSO? UMA QUESTÃO RELATIVA SOBRE O SEU EFEITO!

Por Idade Relativa entende-se a diferença de idade entre crianças pertencentes a um mesmo escalão etário (Musch & Hay, 1999).

Tanto na Educação como no Desporto, é habitual assistimos a uma diferenciação das turmas/grupos/equipas das crianças feita pela sua Idade Cronológica, normalmente baseada num ano civil, ano escolar ou temporada desportiva. Pretende-se com isso assegurar às crianças e jovens um desenvolvimento apropriado das suas capacidades, através de condições de aprendizagem e de competição que sejam relativamente homogêneas em relação aos seus pares (Helsen et al., 1998).

Dando um exemplo prático, na época desportiva de 2013/2014 as crianças nascidas entre 1 de Janeiro e 31 de Dezembro de 2001 pertencem ambas ao escalão de infantis (Juniors D). Essa diferenciação traz consigo consequências, já que neste caso e na mesma turma podem estar presentes crianças com quase um ano de diferença, consequências que têm sido referidas na literatura como “Efeito da Idade Relativa” (Barnsley, Thompson & Legault, 1992; Musch & Grondin, 2001).

Os primeiros estudos realizados sobre o EIR deram-se na área das Ciências da Educação e mostram que crianças com datas de nascimento mais próximas do início do período de seleção manifestam melhores resultados escolares (Barnsley, Thompson & Legault, 1992). No caso do Desporto, parece também existir uma maior frequência de atletas e jogadores nascidos nos primeiros meses do ano de seleção. Estudos em diferentes desportos como o Basebol, o Hóquei do Gelo, o Críquete e o Ténis têm comprovado esse EIR (Barnsley & Thompson, 1988; Côté, 1999; Medic et al., 2007).

O EIR prende-se fundamentalmente por questões maturacionais, ficando os jogadores/atletas que nascem no início do período de seleção em vantagem sobre os outros devido ao seu maior desenvolvimento físico (Baker, Horton, Robertson-Wilson, Wall, 2003; Musch & Hay, 1999).

No caso do Futebol, em que segundo as diretrizes FIFA os escalões são diferenciados tendo em conta o ano civil, o “talento” é muitas vezes escolhido - de forma consciente ou não - conforme o mês de nascimento, já que um jogador nascido em Janeiro é quase um ano mais velho que um jogador nascido em Dezembro. Com esta separação de quase um ano nas datas de nascimento, os desportistas mais velhos conseguem obter vantagens de ordem maturacional que lhe permitam ser selecionados com maior frequência.

Podemos falar que se trata assim uma vantagem indireta que as crianças mais velhas têm sobre as mais novas.

Contudo, não podemos descurar também o lado da maturação psicológica. Aqueles que beneficiam com a influência da idade relativa, fruto também de obterem um maior sucesso nas suas ações e comportamentos desportivos, serão provavelmente mais confiantes, terão maior perceção das suas capacidades e encontrar-se-ão intrinsecamente mais motivados (Medic, Janet, Starkes & Young, 2007). A vantagem dos “mais velhos” torna-se uma desvantagem para os “mais novos”. Estes, fruto das suas limitações na competição e condicionalismos maturacionais mostram também uma tendência para ficarem frustrados e abandonarem o desporto organizado (Barnsley et al., 1992).

Outra constatação presente na literatura é a de que os jogadores que nascem no início dos períodos de seleção, por terem maior probabilidade de serem considerados jogadores talentosos, fruto do seu maior desenvolvimento, conseguem alcançar níveis competitivos mais avançados. Com esse rendimento superior obtêm também um acompanhamento mais efetivo ao nível do treino, com uma prática precoce de maior qualidade orientada por técnicos mais qualificados (Helsen et al., 1998; Williams, 2000; Ward & Williams, 2003; Sherar et al., 2007; Syed, 2010).

Musch e Grondin (2001) escreveram um artigo de revisão sobre o EIR no Desporto, tendo resumido os possíveis fatores e mecanismos que contribuem

para o desenvolvimento do EIR, sendo eles a competição, o desenvolvimento físico, fatores psicológicos, e a experiência:

- **a competição** – este fator não é tratado propriamente o nível da competição formal em si, isto é, o nível da divisão em que determinado praticante compete. Trata-se sim da competição por um lugar em determinado clube, por um lugar na convocatória, por um lugar na equipa titular. Este fator relaciona-se assim com a popularidade de determinado desporto, que contribui para que o EIR seja maior quanto maior o número de competidores desse desporto, ou seja o número de potenciais praticantes a serem selecionados.
- **o desenvolvimento físico** – as capacidades físicas contribuem indubitavelmente de forma significativa, quer se apreciem mais ou menos, para o sucesso no desporto. A variação da maturidade física, em particular, por provocar diferenças significativas na altura e no peso dos jovens praticantes é um dos mecanismos que mais influencia o EIR. O Efeito também parece observar-se bastante em posições dos JDC em que convencionalmente esses atributos se têm de fazer valer mais vezes.
- **fatores psicológicos** – a auto-perceção de competência é um determinante poderoso na participação desportiva. Assim, crianças relativamente mais velhas sentem-se mais preparadas para continuar a sua participação desportiva, fruto do seu maior sucesso no desempenho de tarefas.
- **a experiência** – em idades precoces, alguns meses, podem representar uma percentagem considerável de experiência de vida. Desportivamente, isso também poderá acontecer, em que essa diferença de meses de nascimento podem significar uma diferença de quase uma temporada desportiva, implicando mais treino e competição.

Também Hancock, Adler e Côte (2013), num artigo de revisão, apresentam um modelo teórico para explicar os efeitos da idade relativa no desporto. Nesse estudo, os investigadores argumentam que são os agentes sociais que mais influenciam o EIA. Em particular, são sugeridos três agentes sociais: os pais, os treinadores e os próprios atletas explicados através de três sub-teorias.

Começamos pelos **pais**. Segundo o “Efeito Mateus”, apresentado por Merton (1968) com inspiração no Evangelho de S. Mateus, no Novo Testamento, que nos diz que “Todo aquele que possui receberá, e disporá de abundância. Mas àquele que não possui ser-lhe-á tirado até o que tem”, os pais parecem estar na gênese do EIR. Ao inscreverem os seus filhos com idades tão precoces nas diferentes escolas de desporto cada vez mais presentes no mundo ocidental, provoca nas crianças inscritas uma aprendizagem mais prematura comparada com as crianças que apenas se inscrevem meses ou anos mais tarde. As crianças inscritas – com estas idades, são obrigatoriamente inscritas pelos pais – terão assim vantagem sobre os seus pares (Hancock et al., 2013).

Em especial em idades até aos Sub7, onde a vitória ainda não está muito valorizada, estas vantagens iniciais não podem ser atribuídas às escolhas dos treinadores nem a maturações físicas, tantas vezes sugeridas como sendo mecanismos do EIR (Musch & Grondin, 2001). Como Rigney (2010) afirma, “vantagem inicial tende a gerar vantagem adicional” podendo o sucesso posterior ser apresentado como um resultado de vantagens cumulativas.

Também os **treinadores** parecem ter um papel importante no aparecimento do EIR, muito por culpa do “Efeito de Pigmalião”. Este efeito, relacionado com a psicologia, refere-se à percepção de que quanto maior for a expectativa colocada sobre um indivíduo, maior será o resultado que o indivíduo irá atingir (Hancock et al., 2013).

Assim, reportando-nos ao desporto, na relação treinador-jogador, o Efeito de Pigmalião poderá explicar determinadas seleções, decisões e escolhas que o treinador toma e que acabam por fomentar o EIR. Nas equipas jovens de desportos coletivos existem muitas vezes *try-outs*, que mais não são do que eventos de captações, onde os treinadores avaliam as qualidades dos jogadores e dessa forma, mesmo antes de realizar a seleção, os treinadores criam expectativas sobre os atletas, que subsistem durante as captações.

Como nestas idades a maturação física virtualiza muitas vezes o talento dos jovens jogadores, aparece o Efeito Pigmalião dos treinadores ao criar expectativas mais altas nos jogadores fisicamente mais maduros, normalmente os mais velhos, justificando-se mais uma vez mais o porquê de se verificar o aparecimento do EIR (Hancock, et al. 2013). Além disso, os treinadores de formação concedem mais vezes feedback, louvores e reforço verbal aos atletas

em quem criam mais expectativas, deixando os outros para segundo plano, contribuindo para uma formação diferenciada entre jogadores.

Por fim, Hancock e colaboradores (2013) referem também os próprios **atletas** como potenciadores do EIR, através do “Efeito Galatea”. O Efeito Galatea, abordado inicialmente por Merton (1957), diz-nos que quando as expectativas são colocadas sobre um indivíduo, esse indivíduo normalmente age de maneira congruente com essas expectativas. Neste caso, o Efeito Galatea refere-se às expectativas criadas pelo jogador sobre si mesmo.

Podemos relatar o exemplo dado por Hancock et al. (2013) para melhor explicar este efeito. Jamie, jogador de futebol de 10 anos de idade, relativamente mais velho que os seus pares é selecionado para uma equipa de futebol de elite. Ele acredita que foi recrutado devido às suas habilidades, no entanto, na realidade, ele foi selecionado por ter uma maturidade física superior, tornando-se por isso uma falsa crença. Essa mesma falsa crença irá provocar uma maior auto-confiança que, por sua vez, irá provocar mais diligência e empenho nos treinos, acabando por se vir a tornar verdadeira, devido a uma aprendizagem mais efetiva nos treinos.

A crença falsa que Jamie tinha sobre as suas capacidades como jogador, acabou por se tornar verdadeira. No entanto, o Efeito Galatea ainda não é muito consensual, necessitando de se perceber melhor como é que ele atua sobre os atletas/jogadores, ao nível da confiança, empenho, da frequência de treino e da intensidade de treino. Até porque nem sempre o recrutamento de jogadores é feito com base em questões maturacionais.

Quadro 1: Resumo das teorias para explicar os agentes sociais que influenciam o efeito da idade relativa (adaptado de Hancock, Adler & Côté, 2013).

Teoria	Ponto principal	Explicação	Agente
Efeito Mateus	Os ricos ficam mais ricos e os pobres mais pobres.	Vantagens iniciais da idade relativa	Pais
Efeito Pigmalião	Expectativas dos outros correspondem aos resultados	Vantagens posteriores da idade relativa	Treinadores
Efeito Galatea	Expectativas dos próprios correspondem aos resultados	Vantagens posteriores da idade relativa	Jogadores/Atletas

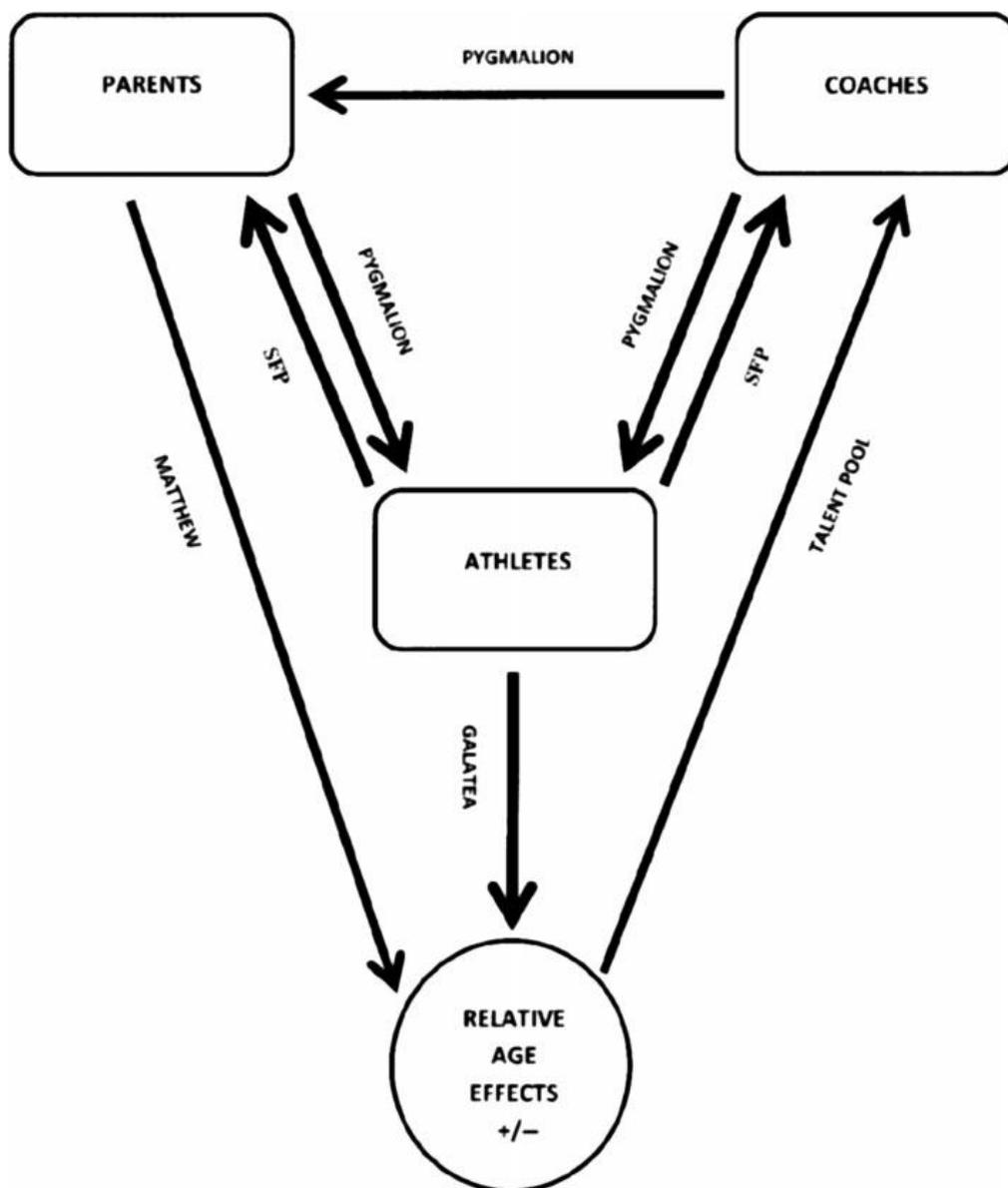


Figura 1: Modelo teórico dos agentes sociais que influenciam os efeitos da idade relativa. Nota: SFP – profecia auto realizável (adaptado de Hancock, Adler & Côté, 2013).

Quando estudado o EIR no caso concreto do futebol, tentou-se já conhecer a presença deste fenómeno de uma forma mais específica. Assim, existem estudos que ligam o EIR a outros elementos, como a posição em campo (Gutierrez et al., 2010; Romann & Fuchslocher, 2011; Salinero et al., 2013), a naturalidade (Williams, 2010; Hélder Fonseca, 2012), valores antropométricos e fisiológicos (Deprez et al., 2012), ou até mesmo a diferenças de género (Vincent & Glamser, 2006).

Dessa forma, e tendo em conta os objetivos do presente estudo, é importante tentar esclarecer a ligação do EIR às posições ocupadas pelos jogadores em campo, e a relação entre o EIR e o local de nascimento dos jogadores.

No estudo de Gutierrez e colegas (2010), baseado no futebol de formação espanhol tanto de elite como amador, não foi verificada a relação entre o EIR e as posições ocupadas em campo, já que as diferenças observadas em cada posição não foram significativas.

Por outro lado, Roman e Fuchslocher (2011), no seu trabalho referente ao futebol jovem suíço, constataram que os defesas apresentam um forte EIR comparado com os guarda-redes, médios e avançados. Os investigadores sugerem que naquele país, para a posição de defesa, os treinadores escolham jogadores tendo em conta a sua altura e o seu (avançado) estado maturacional.

Também Salinero e colegas (2013), na sua investigação às principais ligas de futebol do Reino Unido, França, Espanha, Itália e Alemanha verificaram a existência de uma relação entre o EIR e as posições ocupadas em campo. Contudo, consideraram essa relação contextual e diferenciada segundo cada país, já que foram apurados diferentes resultados em cada um deles. As justificações dadas prendem-se com os distintos estilos de jogo e características de cada liga, que fazem com que cada posição tenha o seu significado em cada país.

Já quando associamos o EIR à naturalidade também se pode verificar alguma ligação entre ambas na literatura.

Williams (2010) e Fonseca (2012), quando estudam o EIR nos Mundiais FIFA de Sub-17, verificam a existência de diferenças estatisticamente significativas na relação entre a data e o local de nascimento. Existem resultados nestes estudos que nos indicam que na Europa é onde existe um maior desequilíbrio referente à data de nascimento do primeiro (54,2%) e do quarto semestre (10,3%), enquanto em África o EIR é diferente do comum, já que mais atletas nascem no fim do ano do que no princípio.

Por esta última razão, da singularidade contextual de cada região geográfica, parece pertinente entender melhor esta questão do “onde” - para além do “quando” já abordada - é que o indivíduo nasce.

2.3. ANTES DO EXPERT SER, TEM DE NASCER! E INTERESSA SABER ONDE?

Uma outra variável que se pretende analisar com este estudo é o Efeito do Birthplace (Côté et al. 2006; MacDonald et al., 2007; Baker et al., 2009; Curtis & Birch, 1987) em jovens jogadores de futebol de elite portugueses. Por Birthplace, em português “Local de Nascimento”, entende-se que é o local onde o jogador vive e se desenvolve nos primeiros anos de vida. Ou seja, neste caso não se trata efetivamente do local de nascimento da criança, mas sim onde a mesma passa os seus primeiros anos de vida. Trata-se por tanto da “Naturalidade”.

Isto porque no contexto português, nem todas as localidades conseguem oferecer condições de saúde para bebés nascerem, sendo muitas vezes necessário às mães terem de se deslocar para centros hospitalares que garantam saúde materno-infantil.

Por exemplo, no caso de uma criança que tenha os seus progenitores estabelecidos em Vila Nova de Foz Côa ou na Mêda, distrito da Guarda, os seus locais de nascimento são normalmente as cidades da Guarda ou Viseu, já que os Centros de Saúde locais não oferecem condições de saúde para o nascimento de uma criança. Contudo, para o nosso estudo contabilizamos a cidade de Vila Nova de Foz Côa ou Mêda como o seu Birthplace, já que será nessas localidades que ela, normalmente, irá passar os seus primeiros anos de infância.

Esta variável está intimamente ligada com o contexto sócio-ambiental onde o jogador se desenvolve nos seus primeiros anos de vida. Assim, a qualidade e a quantidade de experiências e oportunidades intervêm sobre a criança, promovendo o seu desenvolvimento. A investigação sugere mesmo que a formação de atletas expertos se relaciona com a experimentação regular de atividades desportivas nos anos mais precoces da sua vida (Costa et al., 2013). Nesse sentido, a literatura aponta para que pequenas cidades e ambientes mais rurais, sejam benéficos para o desenvolvimento desportivo da criança (Abernethy & Farrow, 2005; Côté et al. 2006; MacDonald et. al. 2009).

Num estudo realizado sobre seleções nacionais Australianas (Abernethy & Farrow, 2005), foi sugerido que os atletas das zonas rurais têm acesso mais fácil e ilimitado a infraestruturas desportivas, resultando daí um maior número de horas de prática comparativamente com atletas de grandes centros urbanos.

No mesmo sentido Côté e colegas (2006), apontam ao EB como um fator que influencia o desenvolvimento dos atletas, em que os atletas nascidos e criados em áreas com pouca população desfrutam de condições favoráveis à aquisição e aprendizagem de skills, incluindo o acesso rápido a espaços que conferem uma infinita e variada oferta de prática desportiva; a exposição precoce à competição contra adultos; e a uma ampla experiência multi-desportiva.

A investigação tem indicado uma tendência não só para zonas rurais mas para a existência de um EB, favorável às pequenas cidades.

Num estudo realizado com atletas da NFL, Liga Norte-Americana de Futebol Americano, MacDonald et al. (2009), constataram que a maior percentagem de jogadores NFL é oriunda de pequenas localidades, com menos de 50.000 habitantes. Contudo, o intervalo ótimo de desenvolvimento de expertise segundo este estudo é de 50.000-99.999. Segundo o mesmo estudo, as pequenas cidades providenciam mais acesso a infraestruturas, a oportunidades e a condições de prática desportiva regular e a brincadeiras desportivas – fatores associados a performances de expert em Jogos Desportivos Coletivos, favorecendo ainda as pequenas cidades a prática deliberada, a prática de diferentes modalidades e a competição entre diferentes escalões etários.

Num outro estudo de MacDonald (2007) dedicado a atletas femininas de Golfe e de Futebol, foi também verificado que Cidades com população inferior a 250.000 pessoas parecem ser os ambientes ótimos, mais propriamente 50.000-99.999, enquanto que cidades com mais de milhão de habitantes têm percentagem quase insignificante, no caso do futebol abaixo do 1,5%.

Também Costa, Cardoso & Garganta (2013), no seu trabalho de investigação realizado aos jogadores de futebol da Serie A brasileira, constatou-se que 34,0% dos jogadores nasceram em cidades com até 100 mil habitantes, em que à medida que população das cidades aumenta as “chances de ascensão” – oportunidade de alcançar o futebol profissional – diminuem.

MacDonald e colegas (2009), sugerem que as oportunidades para estimular o desenvolvimento do expertise desportivo são superiores em pequenas cidades em relação às grandes cidades. As razões apontadas são que nas pequenas cidades existe (a) maior possibilidade de independência e segurança, (b) uma abordagem integrada de participação no desporto envolvendo escola, família e comunidade, (c) relação pessoal entre atletas e treinadores.

No entanto, também se constata que viver em cidades pequenas também tem as suas desvantagens, tornando a análise do EB, algo muito específico. Assim, localidades muito pequenas podem não contribuir muito para o desenvolvimento da expertise desportiva, fruto do número reduzido de modalidades à escolha, às políticas desportivas vigentes ou a constrangimentos financeiros dessas pequenas localidades.

Estas desvantagens condicionam as crianças a não se envolver na vida desportiva, ou a envolver-se de uma forma menos comprometida, devido à falta de uma modalidade preferida para poderem praticar (Lidor et al., 2010). Podemos dar o exemplo de modalidades desportivas como a Natação (piscina) e a Ginástica (aparelhos) que precisam de condições bastante específicas para serem praticadas de uma forma competitiva.

Acrescentam-se também outras condicionantes que atrapalham o desenvolvimento do talento das crianças nas pequenas cidades como a existência de um número reduzido de crianças da mesma idade e a falta de treinadores qualificados e experientes (Côté et al., 2006; Davids & Baker, 2007). Estas condicionantes têm sido utilizadas para justificar alguns resultados obtidos na análise de dados sobre jogadores de futebol, devido ao número relativamente alargado de praticantes que o jogo requer.

Existe ainda o caso de investigações que manifestam alguma ambivalência nos resultados. No estudo de Lidor et al. (2010), dedicado ao estudo de futebolistas, voleibolistas, basquetebolistas e andebolistas profissionais em Israel, os resultados são um pouco díspares. No caso do Andebol e Futebol apresentam o seu intervalo ideal em cidades que têm entre 50.000-200.000 habitantes enquanto o Basquetebol e o Voleibol apresentam o intervalo ótimo com cidades <2.000 habitantes. No caso do futebol em particular, nascer numa cidade pequena ou média <50.000 habitantes é uma desvantagem para os futebolistas, já que o estudo apresenta odd ratios <0.41.

Os investigadores tentam explicar a variabilidade dos valores do estudo tendo em através da justificação de que o número de crianças em Israel que praticam desporto é reduzido; existe pouca competição para alcançar um “lugar” na equipa/clube; proximidade geográfica entre cidade pequena/cidade grande.

Com esta falta de congruência entre os resultados dos diferentes estudos verifica-se que a análise do local de nascimento é bastante complexa quando se relacionado com o processo de expertise desportivo, existindo numerosas causas para que o Efeito apareça.

2.4. NA BUSCA PELO EXPERTISE DEVEMOS SER EXPERTS! A NECESSIDADE DE UMA DETECÇÃO PELOS MELHORES!

Numa sociedade cada vez mais competitiva, “ganhar” é uma exigência que surge quase naturalmente. No Desporto, isso também acontece, colocando-se a vitória num patamar com uma importância cada vez maior em todas as suas dimensões, inclusive no processo de formação de Expertos. Dessa forma, para além de clubes e associações desportivas procurarem encontrar o melhor método de formação de Expertos, ergue-se também a necessidade por parte deles de procurar e recrutar jogadores/atletas cada vez mais capazes de desempenhar as suas tarefas.

O Futebol, tem a esse nível, despendida muita da sua preocupação nos últimos tempos, ao ponto de muitos clubes em Portugal se investir mais no recrutamento de jogadores, do que propriamente no processo formativo dos mesmos (Costa, 2009).

Segundo Garganta (2006), essa preocupação de identificação e recrutamento vai de encontro a três tipos diferentes de jogadores: (1) aqueles que manifestem um rendimento atual acima da média; (2) os que, embora não apresentando no momento um rendimento superior, pareçam reunir condições para o fazerem em resposta a um processo de treino sistemático; (3) os que, para além de apresentarem um rendimento atual superior aos da sua idade,

simultaneamente denotem condições para evoluírem significativamente em resposta a um processo estruturado de treino/formação.

Contudo, mais do que uma análise transversal do que é um talento no futebol, parece existir uma grande obsessão por parte dos treinadores, por jogadores fisicamente fortes, sem muitas vezes se olhar com detalhe para as suas qualidades e potencial de evolução como Jogador de Futebol (Pacheco, 2001). Tani (2002) diz-nos mesmo que modalidades abertas em que existe uma interação com o objeto, como o é o Futebol, o mais importante para o jogador não é a força que ele tem mas sim o “jeito” que ele mostra nessas modalidades. Contudo, verifica-se um investimento e uma hiper-solicitação de jovens athleticamente mais fortes em detrimento de jogadores com maiores potencialidades (Pacheco, 2001).

Urge por isso a necessidade de se olhar para a seleção de Expertos, segundo uma perspetiva a longo prazo, rejeitando análises imediatistas que olham para o jogador, que muitas vezes é ainda uma criança, esquecendo-se de toda a sua qualidade potencial que nele existe (Maciel, 2008). Parece que se continua a olhar para o jovem jogador como ele é, e não como ele poderá vir a ser.

Não se pretende com isto criar uma opinião extremada de que a dimensão física do jogador não é importante. As valências biológicas são importantes, mas fica a pergunta de Garganta (2006) no ar: *“porquê muitos animais podem superar os humanos em ações que implicam resistência, força ou velocidade, mas não são capazes de o fazer em relação a um jogo desportivo coletivo, qualquer que ele seja?”*

Procura-se é que o jogador deva ser analisado de uma forma mais transversal e potencial, tendo em conta aquilo que ele é para o jogo e aquilo que ele poderá vir a ser para o jogo. Além disso, o Futebol é uma modalidade tão democrática que permite a jogadores tão díspares do ponto de vista morfológico e antropométrico desempenharem performance de excelência, não sendo por isso ajustado selecionarem-se indivíduos com base nesse tipo de indicadores (Maciel, 2008).

Dentro da procura desses mesmos Expertos relacionados com o jogo de Futebol, foram já criados vários modelos de referência de jogadores. Claro que essas características “fundamentais” ou “pressupostos” necessários são relativamente subjetivos, e muitas das vezes até servem para explicar a

mesma coisa, mas com outras palavras. Um facto interessante é que maior parte das vezes, esses modelos utilizam quatro condições de desempenho superior, tal qual os domínios de Expertise referidos por Janelle & Hillman (2003).

Em termos práticos e indo diretamente a um exemplo de um clube, no caso uma das principais “escolas” de formação de futebol, que é o Ajax de Amsterdão, o mesmo apresenta um modelo de jogador bastante definido, sustentado em quatro traços que considera fundamentais para que um jogador manifeste um rendimento superior, o Modelo TIPS: do inglês *Technique, Insight* (ou *Intelligence*), *Personality*, e *Speed* – em português Modelo TIPV: Técnica, Inteligência (ou Discernimento), Personalidade, e Velocidade. A estrutura do Ajax procura assim ter, ou obter, jogadores tecnicamente dotados, sabendo aquilo que fazer com a bola; com uma avançada cultura tática; com forte personalidade; e com velocidade, tanto de deslocação como de drible e de processamento (Lobo, 2003).

Outros clubes criaram também os seus modelos, como o Liverpool utiliza o TABS – traduzido para português como técnica, atitude, equilíbrio e velocidade; ou o SUPS – traduzido para português como velocidade, entendimento, personalidade e skill, utilizado também na Premier League.

Também ao nível da investigação existe esta preocupação. Garganta (1995), num dos seus trabalhos, generalizando o Talento no Futebol, indiciou que o mesmo deva estar assente em princípios como:

- Habilidade técnica em velocidade;
- Disponibilidade tática;
- Eficiência orgânica e muscular: agilidade, velocidade, reação rápida, rápidas mudanças de sentido e direção;
- Valor moral elevado: auto-controlo, coragem, auto-confiança, combatividade, carácter.

De notar que estes Modelos, que tanto servem de referência para os próprios jogadores do clube como de avaliação para potenciais jogadores a recrutar, estão subjacentes a linhas próprias do clube, e devem por isso ser analisados de forma específica e contextualizada.

Utilizando o exemplo do Ajax, que está inserido em determinado contexto futebolístico, favorável à utilização de jogadores criativos, imprevisíveis e

muitas das vezes rebeldes em campo; o modelo de jogador não será o mesmo do que uma equipa culturalmente defensiva, que jogue no seu processo defensivo em grande parte do seu tempo e que precise por isso de ter jogadores disciplinados e combativos.

Com tantas formas de identificar o rendimento superior na modalidade de futebol, concordamos com Pacheco (2001) quando nos diz o Talento não se avalia a quilo e a metro. Maciel (2008) vai mais longe, renegando a ligação do Expertise com o bilhete de identidade.

Mesmo com tantos modelos de identificação e de seleção de jogadores com rendimento superior, em especial em idades precoces, são vários os casos de jogadores que não são “peneirados” nessas idades e só mais tarde manifestam esse mesmo rendimento superior. Mesmo nas chamadas “sessões de captação”, nem todos os jogadores manifestam nesses eventos, as aptidões fundamentais para serem considerados jogadores aptos. Existe ainda a situação, em que esses modelos de deteção, não olhem para além do imediato, ficando por vezes excluída a ideia de que o melhor de hoje poderá a não vir a ser o melhor de amanhã (Garganta 2006).

Com tanta preocupação sobre o processo de deteção de Expertos, aparecem outras questões que se prendem com a negligência e menosprezo com o processo de treino. Ou seja, perde-se tanto tempo na procura de jogadores de qualidade superior, que se despreza o potencial que existe no treino para, precisamente, criar e desenvolver jogadores de rendimento superior. Ou seja, existe uma tendência para se classificar os jogadores, nomeadamente através da apreciação dos seus defeitos e virtudes, como se isso fosse imutável, pondo de parte todo o efeito de um processo longo de prática e de treino. Acredita-se, por isso, mais no destino do que na aprendizagem e no treino (Garganta, 2006).

III.

3.1. INTRODUÇÃO

No longo e complexo processo de formação de expertos, no desporto em geral e no futebol em particular, existem numerosos fatores que atuam de forma potenciadora ou inibidora para que esses mesmos expertos apareçam. Segundo a literatura, o Efeito da Idade Relativa (Barnsley, Thompson & Legault, 1992; Musch & Grondin, 2001) e o Efeito do Birthplace (Côté et al. 2006; MacDonald et al., 2007; Baker et al., 2009; Curtis & Birch, 1987) são dois desses elementos que poderão facilitar ou dificultar a capacidade do individuo alcançar performances de rendimento superior.

Com o intuito de se conhecer melhor o processo formativo de elite de jovens praticantes de futebol em Portugal surgiu a necessidade de se estudar o EIR e o EB nesses praticantes, tentando-se compreender relação desses efeitos com a capacidade dos jogadores chegarem a top.

Por EIR, entende-se que seja a consequência que existe na diferença de idade entre crianças pertencentes a um mesmo escalão etário (Musch & Hay, 1999). Se dermos o exemplo do escalão estar elaborado segundo o ano civil, os estudos têm apontado para que indivíduos nascidos nos primeiros meses do ano tenham vantagem sobre os indivíduos que nasçam no final. Essa vantagem aparece devido ao maior tempo que o individuo tem e poderá depender no seu processo de aprendizagem em determinada área (Barnsley, et al, 1992).

O Efeito de Birthplace é a consequência que o indivíduo sofre por nascer numa localidade com X habitantes quando com uma localidade com Y (Côté et al., 2006). Estudos revelam que há uma grande diferença entre se nascer numa localidade pouco populosa e muito populosa, no que toca à probabilidade do indivíduo vir a alcançar o expertise desportivo (Abernethy & Farrow, 2005; Côté et al. 2006; MacDonald et. al. 2009). Os estímulos, oportunidades e experimentação desportivas entre um meio urbano e um meio rural são

bastante diferentes, sendo que existe uma tendência favorável ao meio rural, na literatura, que o aponta como o meio mais próspero em termos de desenvolvimento desportivo (Costa et al., 2013).

Com uma amostra de elite, baseada em internacionais jovens de futebol de Portugal, tentou-se obter o máximo de informação sobre aquilo que a data de nascimento e o local de nascimento nos podem oferecer.

Sobre a investigação do EIR, tentou-se verificar se existe alguma relação entre o quartil de nascimento e a posição que ocupam em campo, e o quartil de nascimento com a região geográfica de onde são oriundos.

Já na parte referente à análise do EB, procuraram-se saber as probabilidades dos jogadores alcançarem as seleções nacionais segundo o intervalo populacional, a região e o distrito de onde são naturais; e a relação entre a naturalidade e as posições em campo.

Por fim, tentou-se verificar se o facto de os jogadores representarem ou não clubes fora do seu concelho de nascimento poderá ter significado no processo de formação de expertos no futebol jovem de elite em Portugal.

3.2. MATERIAL E MÉTODOS

3.2.1. Amostra

A amostra do Estudo I é constituída por $n=200$ jovens jogadores internacionais portugueses masculinos, pela Federação Portuguesa de Futebol, nos escalões Sub15, Sub16, Sub17, Sub18, Sub19, Sub20 e Sub21, desde o dia 1 Janeiro de 2013 a 12 de Junho de 2014.

Quadro 2: Discriminação da amostra sobre o Estudo da influência do EIR e do EB em jovens jogadores de futebol de elite de Portugal

Escalão	Nº de Jogadores
Seleção Nacional de Sub15	24
Seleção Nacional de Sub16	35
Seleção Nacional de Sub17	21
Seleção Nacional de Sub18	24
Seleção Nacional de Sub19	30
Seleção Nacional de Sub20	38
Seleção Nacional de Sub21	28
Total	200

3.2.2. Procedimento da recolha de dados

Para a realização desta investigação foram recolhidos os dados através da informação disponibilizada no sítio oficial da Federação Portuguesa de Futebol (www.fpf.pt), relativos à data de nascimento e à naturalidade de cada um dos 269 jogadores internacionais no período descrito.

Contudo, como na recolha de dados relativa à naturalidade dos jogadores 69 deles não apresentaram na sua ficha informação descritiva relativa à localidade de onde são naturais, acabou-se por excluir deste estudo. Nas fichas dos mesmos apenas estava contabilizado o seu país de nascença: Portugal, daí terem sido excluídos da amostra, passando a mesma a ser de apenas 200 jogadores.

Para a análise de dados relativos ao estudo do EB, os mesmos foram tratados através da comparação da informação retirada do Instituto Nacional de Estatística, e de diferentes documentos presentes no sítio oficial dessa instituição (www.ine.pt), referentes aos Censos 2001.

3.2.3. Procedimento estatístico

Para o tratamento estatístico, foi realizada a análise descritiva, através das frequências, respetivas percentagens, média e desvio padrão, para caracterização da amostra. Foi realizado o teste Qui-Quadrado, comparando-

se a distribuição de frequência das datas de nascimento entre os grupos de acordo com as categorias. Recorreu-se ainda à Anova para verificar diferenças entre a naturalidade e as posições dentro do campo. O teste de Kolmogorov-Smirnov foi utilizado para verificar a normalidade de distribuição dos dados.

Os dados da Data de Nascimento foram divididos em trimestres [Q1 (Jan-Mar), Q2 (Abr-Jun), Q3 (Jul- Set) e Q4 (Out-Dez)], seguindo o intervalo de datas de 1º de Janeiro a 31 de Dezembro aplicado pela Fédération Internationale de Football Association (FIFA) para todas as competições internacionais. O teste do Qui-quadrado foi utilizado para verificar diferenças entre as distribuições das datas de nascimento pelos trimestres. Verificando que a distribuição dos dados não foi homogénea, utilizou-se o teste de Kruskal-Wallis para comparar os valores de EIR obtidos pelos 7 seleções nacionais e o coeficiente de correlação de Pearson foi utilizada para verificar as associações entre o EIR, a concentração populacional das cidades e a Data de Nascimento dos jogadores. A fim de testar o efeito local de nascimento, o odds ratio (OR) foi calculado para determinar a probabilidade das diferentes posições para cada dimensão das cidades, e intervalos de confiança a 95% (IC) foram calculados em torno de cada OR.

Utilizou-se o programa SPSS 21.0 for Windows e o nível de significância estabelecido em 5%.

3.3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

3.3.1. O Efeito da Idade Relativa no Futebol Jovem de Elite em Portugal...

3.3.1.1. ... em função das posições ocupadas em campo.

De acordo com os resultados apresentados no Quadro 3, é verificável uma influência do EIR nos jovens jogadores de futebol de elite em Portugal

presentes neste estudo. Existe, por isso uma tendência para se escolherem os jogadores que nasceram nas datas mais próximas do início do ano de seleção.

Pela análise do quadro, observa-se que só no período correspondente ao primeiro trimestre do ano, Q1, nasceram 44,0% dos jogadores da amostra. Este valor é mesmo muito semelhante ao apresentado na amostra do estudo de Fonseca (2012), relativo a jovens presentes no Mundial FIFA Sub17, em que 44,3% dos jovens jogadores nasceram também no primeiro trimestre do ano.

Quadro 3: Frequências absolutas e relativas dos quartis de nascimento em função da posição em campo

Posição		Quartil				Total
		Q1 0-3mês	Q2 4-6mês	Q3 7-9mês	Q4 10-12mês	
Avançado	Contagem	24	10	11	14	59
	Cont. esperada	26,0	14,8	9,4	8,9	59,0
	% dentro Posição	40,7%	16,9%	18,6%	23,7%	100,0%
	% dentro Quartil	27,3%	20,0%	34,4%	46,7%	29,5%
	% Total	12,0%	5,0%	5,5%	7,0%	29,5%
	Resíduo Ajustado	-,6	-1,7	,7	2,2	
Defesa	Contagem	25	20	8	5	58
	Cont. esperada	25,5	14,5	9,3	8,7	58,0
	% dentro Posição	43,1%	34,5%	13,8%	8,6%	100,0%
	% dentro Quartil	28,4%	40,0%	25,0%	16,7%	29,0%
	% Total	12,5%	10,0%	4,0%	2,5%	29,0%
	Resíduo Ajustado	-,2	2,0	-,5	-1,6	
G.R.	Contagem	9	9	2	6	26
	Cont. esperada	11,4	6,5	4,2	3,9	26,0
	% dentro Posição	34,6%	34,6%	7,7%	23,1%	100,0%
	% dentro Quartil	10,2%	18,0%	6,3%	20,0%	13,0%
	% Total	4,5%	4,5%	1,0%	3,0%	13,0%
	Resíduo Ajustado	-1,0	1,2	-1,2	1,2	
Médio	Contagem	30	11	11	5	57
	Cont. esperada	25,1	14,3	9,1	8,6	57,0
	% dentro Posição	52,6%	19,3%	19,3%	8,8%	100,0%
	% dentro Quartil	34,1%	22,0%	34,4%	16,7%	28,5%
	% Total	15,0%	5,5%	5,5%	2,5%	28,5%
	Resíduo Ajustado	1,6	-1,2	,8	-1,6	
Total	Contagem	88	50	32	30	200
	Cont. esperada	88,0	50,0	32,0	30,0	200,0
	% dentro Posição	44,0%	25,0%	16,0%	15,0%	100,0%
	% dentro Quartil	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% Total	44,0%	25,0%	16,0%	15,0%	100,0%

Com estes resultados parece existir uma influência do desenvolvimento e da maturação física na identificação e seleção de jogadores de elite em Portugal, indo de encontro a outros estudos no mesmo e em diferentes contextos (Barnsley et al., 1992; Musch & Hay, 1999; Folgado et al., 2006).

Já quando se relaciona a data de nascimento com a posição ocupada em campo pelos jogadores de futebol, os resultados presentes em diferentes investigações têm sido algo divergentes tanto inter como intra-investigação.

No caso concreto da relação entre a data de nascimento e as posições ocupadas em campo pela presente amostra, verificou-se que também existe um EIR.

Observando agora os resultados específicos obtidos para cada posição, constata-se que:

Na posição de **Guarda-Redes** não existe um valor elevado no diferencial relativo às diferentes distribuições trimestrais de nascimento.

No sector dos **Defesas**, observa-se um valor residual ajustado de 2,0 no segundo trimestre do ano, fazendo com que se verifique uma elevada frequência de jogadores nascidos no primeiro semestre do ano (Q1+Q2).

Os **Médios** são os jogadores que apresentam uma maior taxa de nascimento no primeiro quartil – 15,0% da amostra, tendo mesmo uma taxa idêntica à amostra total de jogadores nascidos no quarto quartil.

Por fim, os **Avançados** apresentam um valor residual ajustado significativo (2,2) nos valores do nascimento no último trimestre do ano. Esses valores revelam que no Q4 existe um número de jogadores bastante acima do esperado.

Estes resultados obtidos contrariam o estudo de Romann e Fuchslocher (2011), relativo ao futebol jovem suíço de elite e amador, que revela que é na posição de defesa que existe um maior EIR. Os investigadores justificam os seus resultados com a necessidade dos defesas terem papéis “fisicamente intensos” no jogo. No seguimento, os treinadores suíços tendem a escolher os jogadores relativamente mais velhos que são mais altos e mais maduros como defesas.

Por isso, se se ligar a data de nascimento à dimensão física e antropométrica do indivíduo, torna-se menos espectável que sejam os médios

a apresentar um valor mais elevado no que diz respeito ao EIR. Nesses moldes supõem-se que no jogo de futebol os guarda-redes e os defesas sejam aqueles em que a maturação física seja mais valorizada devido à necessidade de terem de chegar mais alto, de terem de ser mais fortes no choque e de precisarem de ter mais força para conseguir colocar a bola a grandes distâncias.

Contudo, poderá também compreender-se que sejam os médios os jogadores que apresentem um maior EIR, devido não a questões físicas, mas sim a questões de maturação cognitiva e perceptiva. O jogo de futebol pede aos médios permanentemente e de forma mais intensa que resolvam problemas de ordem estratégica e decisional. Por estarem em posições intermédias são constantemente requisitados para realizar comportamentos ambivalentes defender/atacar (ao contrário nos defesas e dos atacantes que não têm esta dicotomia tão presente). Dessa forma, por serem mais velhos, poderão ter a vantagem de conseguir interpretar melhor a complexidade do jogo de futebol, permitindo-lhes ter um maior background de respostas estratégicas aos problemas do jogo.

Estes dados alcançados corroboram Salinero e colegas (2013), no seu estudo comparativo entre a data de nascimento e as posições ocupadas em campo nas cinco ligas europeias mais cotadas, que mostram existir um EIR, com valores mais acentuados na posição de médio-campista. Assim, Salinero et al. (2013) quando analisam as ligas de Espanha, Alemanha, França e Itália determinam que são os médios que têm um EIR mais prevalente, não se verificando o mesmo apenas em Inglaterra.

Por último, quando se observam os valores relativos aos avançados vê-se um número significativo de jogadores nascidos no último trimestre. Tal valor poderá ser explicado pelo facto dos avançados serem, normalmente, os jogadores mais ligados ao domínio técnico, sendo por isso necessário para eles terem mais “jeito” e não tanta “força”.

Mais uma vez, os resultados vão de encontro à investigação de Salinero et al (2013) que revelam que, com exceção à Inglaterra, não haver um EIR na posição de avançado. Os investigadores justificam esses valores devido ao estilo de jogo fisicamente intenso adotado em Inglaterra, onde “as bolas aéreas são muito importantes sendo lógico escolherem-se avançados altos”.

3.3.1.2. ... em função das regiões de nascimento.

Observou-se ainda que a data de nascimento parece ser importante para que nalgumas regiões de nascimento os jogadores consigam atingir o expertise, confirmando estudos realizados no futebol que mostram os mesmos resultados (Salinero, et al. 2013; Fonseca, 2012).

Quadro 4: Frequências absolutas e relativas das regiões de nascimento em função dos quartis de nascimento

		Regiões				
		Estrangeiro	Lisboa	Norte	Outras	Total
Quartil 0-3mês	Contagem	21	20	33	14	88
	Cont. esperada	20,7	22,4	33,4	-	88
	% dentro Posição	23,90%	22,70%	37,50%	-	100,00%
	% dentro Quartil	44,70%	39,20%	43,40%	-	44,00%
	% Total	10,50%	10,00%	16,50%	7,00%	44,00%
	Resíduo Ajustado	0,1	-0,8	-0,1	-	
4-6mês	Contagem	8	16	20	6	50
	Cont. esperada	11,8	12,8	19	-	50
	% dentro Posição	16,00%	32,00%	40,00%	-	100,00%
	% dentro Quartil	17,00%	31,40%	26,30%	-	25,00%
	% Total	4,00%	8,00%	10,00%	3,00%	25,00%
	Resíduo Ajustado	-1,4	1,2	0,3	-	
7-9mês	Contagem	6	5	15	6	32
	Cont. esperada	7,5	8,2	12,2	-	32
	% dentro Posição	18,80%	15,60%	46,90%	-	100,00%
	% dentro Quartil	12,80%	9,80%	19,70%	-	16,00%
	% Total	3,00%	2,50%	7,50%	3,00%	16,00%
	Resíduo Ajustado	-0,7	-1,4	1,1	-	
10-12mês	Contagem	12	10	8	0	30
	Cont. esperada	7,1	7,7	11,4	-	30
	% dentro Posição	40,00%	33,30%	26,70%	-	100,00%
	% dentro Quartil	25,50%	19,60%	10,50%	-	15,00%
	% Total	6,00%	5,00%	4,00%	0,00%	15,00%
	Resíduo Ajustado	2,3	1,1	-1,4	-	
Total	Contagem	47	51	76	26	200
	Cont. esperada	47	51	76	-	200
	% dentro Posição	23,50%	25,50%	38,00%	-	100,00%
	% dentro Quartil	100,00%	100,00%	100,00%	-	100,00%
	% Total	23,50%	25,50%	38,00%	13%	100,00%

Fruto dos diferentes resultados alcançados na comparação da data de nascimento com a região de nascença, presente no Quadro 4, poder-se-á especular que essa relação acarreta em si a necessidade de se olhar para o EIR de uma forma específica e contextual.

Desde logo é importante referir que no quadro as regiões dos Açores, Alentejo, Algarve, Centro e Madeira foram aglomeradas, já que juntas cedam apenas 13% dos jovens jogadores da amostra. Assim, como os seus valores são bastante reduzidos para serem estatisticamente analisados, optou-se por se classificar no quadro como “Outras”, ao conjunto destas regiões.

Vendo o Quadro 4, a distribuição da amostra pelos trimestres de nascimento, é sempre maior no primeiro trimestre, independentemente das regiões estudadas.

No caso dos jogadores nascidos no **Estrangeiro**, constata-se que existe um valor bem acima do esperado para os jogadores nascidos no quarto trimestre. Esse valor residual ajustado de 2,3 tem um forte significado estatístico e poderá ser explicado pelo número elevado de jogadores oriundos de África. Alguma literatura tem indicado uma tendência para que no caso do futebol os jogadores africanos nasçam precisamente no último trimestre do ano (Fonseca, 2012; Williams, 2010).

Sobre os jogadores nascidos na região de **Lisboa e Vale do Tejo**, a amostra apresenta uma distribuição sem um grande variabilidade significativa.

Já quanto aos jogadores nascidos no **Norte** de Portugal, a tendência da distribuição é sempre decrescente, supondo-se que os jogadores nascidos no final do corte de seleção tenham muitas dificuldades em conseguir alcançar o nível de expertos.

Embora a amostra dos jogadores nascidos nas **Outras** Regiões de Portugal seja reduzida complicando o tratamento dessa informação, é ainda curioso notar-se o valor nulo para os nascimentos desses jogadores no último trimestre do ano, deixando a ideia de que nas regiões com menos expressão futebolística, supõe-se que os jogadores são recrutados mais pela sua maturação e menos pelas suas habilidades.

Por existir alguma diversidade na especificidade de cada contexto de nascimento, Fonseca (2012) sugere “a elevada popularidade da modalidade, a institucionalização e organização dos campeonatos e clubes de formação, a

superior organização dos processos de planeamento e treino, a precoce e sistematizada (ainda que questionável) observação e seleção de jovens jogadores pelos departamentos de *scouting*, e a elevada concorrência dos praticantes” para justificar os diferentes resultados nessa comparação.

É ainda aceitável acrescentar-se que os estilos de jogo ou modelos de jogo possam influenciar a variabilidade de resultados quando se compara o EIR em diferentes contextos (Salinero et al., 2013), já que uma coisa é existir um modelo de jogo baseado nos passes longos verticais para o avançado ganhar de cabeça – jogo de contacto, de força e de agressividade – outra coisa é existir um modelo de jogo baseado na posse e na circulação de bola – jogo de dinâmicas sem bola, mais estratégico e tecnicamente requintado.

Embora Portugal apresente uma forte dicotomia geográfica entre o Interior e o Litoral, onde as realidades desportivas são bastante diferentes, parece existir um EIR transversal a nível nacional. Tal, poderá influenciar as bases de identificação e seleção do experto no futebol, já que parecem ser as mesmas independentemente da região de onde sejam naturais.

Estes dados contrariam, no entanto, os de Lidor e colaboradores (2010), no seu estudo sobre os desportos de elite em Israel – futebol incluído – em que não se assistiu a um EIR. Dadas as semelhanças populacionais entre os dois países, não deixa de ser um dado pertinente.

Estes investigadores, na tentativa de explicar o porquê de não assistirem a um EIR no seu trabalho, dão conta de duas explicações. A primeira aborda o número reduzido de habitantes em Israel e o conseqüente número baixo de jovens praticantes, fazendo com que haja mais flexibilidade no processo de escolha de jogadores, não havendo assim “filtros maturacionais”. A segunda fala da política de “porta aberta” no desporto, que traduz a necessidade de cada equipa conseguir assegurar muitos jogadores que mostrem qualidades em determinado jogo coletivo, num competitivo processo de recrutamento daquele país. No entanto, esta pesquisa tem em conta o desporto profissional, onde se assistem a menos discrepâncias nas capacidades dos jogadores.

3.3.1.3. ... em função do escalão de seleção.

Explorando ainda mais a informação sobre a data de nascimento, e relacionando-a com a primeira convocatória a que a amostra foi submetida durante os dois anos civis, é visível na Figura 2 que existe uma grande assimetria de nascimento favorável ao primeiro trimestre. Exceção feita ao Escalão Sub19 que não tem uma grande vantagem sobre o segundo trimestre mas apenas pelo terceiro e quarto – existindo aqui uma tendência semestral e não trimestral; e ao Escalão Sub21 que nos primeiros trimestres do ano apresenta uma frequência mais equitativa, e onde a tendência de nascimento se mostra ser maior no segundo e terceiro trimestres, e não no primeiro como em todos os outros.

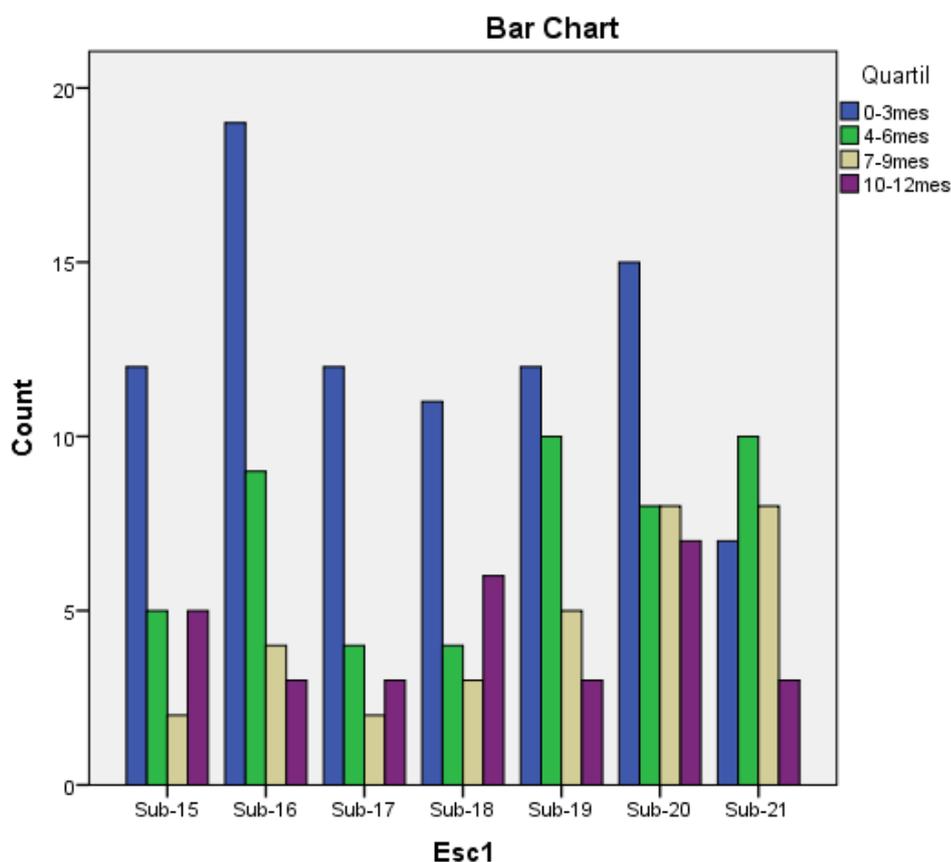


Figura 2: Frequências dos jogadores de cada escalão em função dos quartis de nascimento

Esse facto permite-nos supor que em idades mais adultas, onde os jogadores já se encontram praticamente maturados, as vantagens potenciais que advêm de um possível desenvolvimento maturacional não se fazem notar.

Ainda sobre a informação relativa às datas de nascimento, julga-se ser pertinente fazer uma última alusão à relação entre a frequência de jogadores nos diferentes escalões da amostra – dos Sub15 aos Sub21 – e as posições que ocupam em campo.

Tal como se pode ver na Figura 3, durante os escalões dedicados ao futebol competitivo de formação – dos Sub15 aos Sub19, os avançados aparecem em igual ou superior número do que os médios. No entanto, quando chegados ao futebol profissional, são os médios que são mais vezes chamados às seleções nacionais. Os resultados podem ganhar maior significado se os compararmos com os escalões mais novos de convocatória, onde os avançados apareciam, precisamente, em maior número.

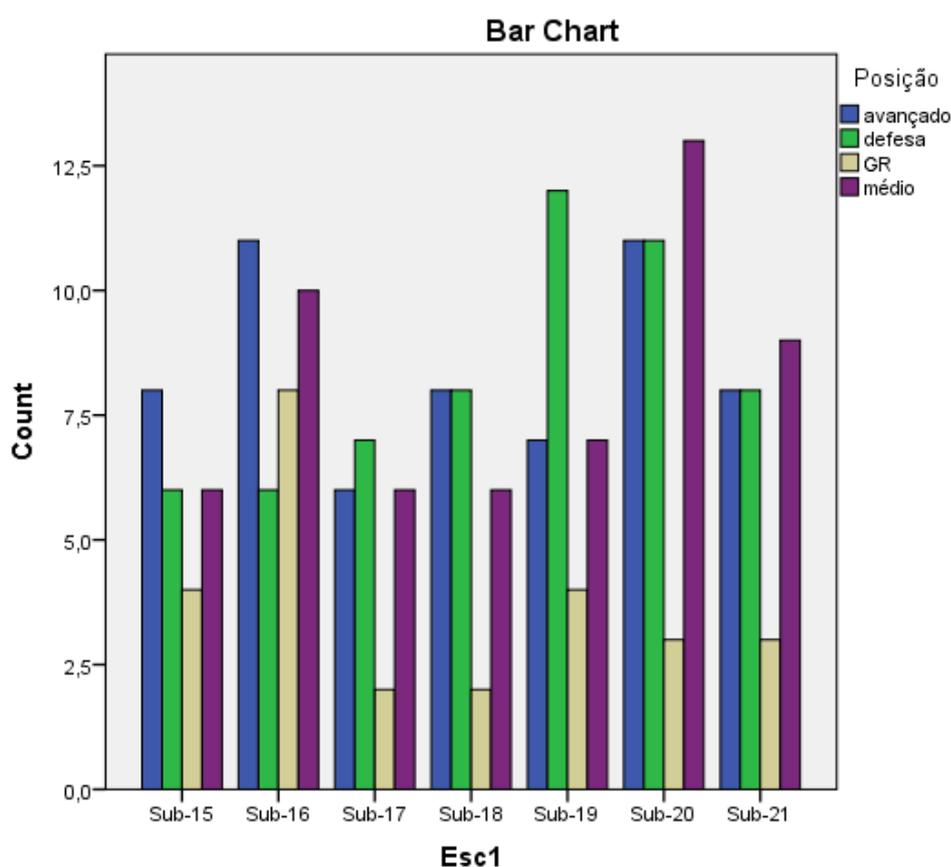


Figura 3: Frequências dos jogadores de cada escalão em função da posição em campo

Com os dados desta figura, pode-se especular que os avançados portugueses têm algumas dificuldades em se adaptar às exigências do futebol

profissional numa fase avançada da sua formação - fase precoce da sua carreira sénior - podendo, por isso, o seu processo específico de formação, ter algumas falhas.

3.3.2. O Efeito do Birthplace no Futebol Jovem de Elite em Portugal...

3.3.2.1. ... em função da naturalidade consoante os intervalos populacionais.

Analisando os resultados encontrados, é possível perceber os jovens jogadores de elite em Portugal são provenientes das mais diversas localidades, tanto de concelhos mais rurais como das grandes urbes.

No Quadro 5 é possível verificar que existem determinados intervalos populacionais favoráveis ou desfavoráveis ao aparecimento e desenvolvimento de expertos no futebol jovem português. Contudo, não é fácil perceber se em Portugal o melhor contexto para o desenvolvimento das capacidades futebolísticas seja mais adequado em pequenas ou em grandes localidades.

Quadro 5: Frequência e distribuição das percentagens dos jogadores e respetivas posições nos 8 intervalos populacionais do estudo e os respetivos odd ratios e IC a 95% relativo ao alto rendimento no futebol de formação.

Intervalos	População cidades (habitants)	Frequência posições					Percent. %	OR	IC 95%
		AVA	DEF	GR	MÉD	TOTAL			
I – 1	496-16.129	4	5	1	2	12	6,0%	1,26	1,11 - 1,41
I – 2	16.130-23.028	0	0	1	1	2	1,0%	1,05	3,14 – 3,67
I – 3	23.029-55.398	3	4	3	2	12	6,0%	0,10	1,64 – 4,35
I – 4	55.399-93.858	6	11	5	8	30	15,0%	2,06	3,46 – 8,72
I – 5	93.859-133.832	4	6	1	3	14	7,0%	1,22	1,10 – 1,36
I – 6	133.833-181.494	6	5	5	14	30	15,0%	1,25	1,05 – 1,81
I – 7	181.495-237.591	8	5	0	6	19	9,5%	0,00	2,47 – 2,52
I – 8	237.592-547.733	8	10	6	10	34	17,0%	1,82	1,39 – 1,45
Total		39	46	22	46	153	100,0%		
Total %		25,5%	30,1%	14,4%	30,0%	100%			

OR- odd ratios; IC 95% - intervalo de confianca a 95%.

Ainda assim, pode observar-se que o I-4 (55.399 a 93.858 habitantes) é o intervalo populacional onde os jovens jogadores de futebol portugueses possivelmente terão as melhores chances para os conseguirem alcançar a elite (OR=2,06). Assim, as localidades com esta dimensão populacional poderão ter o melhor ambiente sócio-desportivo para o desenvolvimento futebolístico dos jovens em Portugal.

Por outro lado verifica-se que as localidades situadas no I-7 (de 181.495 a 237.591 habitantes) são aquelas que poderão apresentar o ambiente sócio-desportivo mais hostil para os jovens portugueses desenvolverem as suas capacidades necessárias para alcançarem os patamares de excelência, atuando, na teoria, de uma forma extremamente limitativa. As localidades com esta dimensão populacional não permitem aos jovens ter grandes chances de alcançar a elite (OR=0,00).

Em termos de intervalo ótimo de desenvolvimento de expertise, os resultados obtidos aproximam-se dos observados por MacDonald e colaboradores (2009), que sugerem o intervalo entre 50.000-99.999 habitantes como o mais estimulante para o desenvolvimento dos jogadores de futebol americano. Dessa forma, embora sejam os contextos português e norte-americano sejam distintos, parecem existir algumas semelhanças sobre o intervalo considerado como mais profícuo.

Os mesmos autores salientam que as “pequenas” (para os norte-americanos) cidades providenciam um maior acesso a infraestruturas desportivas, a oportunidades e a condições de prática regular de atividade física e desportiva e atividade lúdico-motora – fatores que se julgam estarem positivamente associados a performances superiores em JDC. Acrescentam ainda que as cidades com menores densidades populacionais também favorecem a prática deliberada, a participação em diferentes modalidades desportivas e o envolvimento em competições entre diferentes escalões etários (2009).

Resultados semelhantes foram obtidos no estudo de MacDonald e colegas (2007), desta vez sobre jogadoras de golfe e de futebol de elite norte-americanas, que reforçam novamente que localidades com densidade populacional entre os 50.000 e os 99.999 habitantes parecem ser as que detêm

um ambiente sócio-desportivo mais estimulante para as jovens, em ambas as modalidades desportivas.

Também no estudo de Costa et al (2013), embora o intervalo entre 50.000-99.999 habitantes, não tenha sido o melhor (neste estudo o intervalo ótimo apresenta-se entre 1445 e 30.000 habitantes), a verdade é que os resultados revelam que muitos jogadores são originários de cidades com esta densidade populacional. Estes investigadores afirmam que “as cidades menores propiciam um ambiente mais espaçoso e seguro para as crianças se movimentarem livremente sem a supervisão de adultos, além de propiciar várias horas de prática da atividade e maior possibilidade de permanência em equipas competitivas da cidade.”

Continuando a dissecação de informação referente ao parâmetro da localidade de nascimento, pode-se verificar que existem valores significativos na relação entre a naturalidade e as posições em campo, em especial nos avançados defesas e médios, como podemos verificar no seguinte Quadro 6:

Quadro 6: Média e dp, IC a 95% e o valor de p da naturalidade em função das posições

Posição	Shapiro-Wilk					
	M dp	IC 95%	Range	F	p	
		Lower Upper				
Naturalidade	Avançado	35,8 ± 16,1	31,6 - 40,0	62,00	0,934	0,003*
	Defesa	36,6 ± 17,9	31,9 - 41,3	67,00	0,953	0,025*
	GR	33,1 ± 18,8	25,5 - 40,7	64,00	0,943	0,158
	Médio	31,8 ± 18,0	27,0 - 36,6	66,00	0,956	0,036*

* $p \leq 0.05$

3.3.2.2. ... na comparação entre as posições ocupadas em campo e a região de nascimento.

Na análise dos resultados referentes às regiões de nascimento da amostra, volta-se a referir que, no Quadro 7, as regiões dos Açores, Alentejo, Algarve, Centro e Madeira estão novamente aglomeradas no estudo e voltaram a ser classificadas como “Outras”.

Ao se presenciarem o que relaciona a Região do local de nascimento com as posições ocupadas em campo, verifica-se que existe uma tendência para os jogadores nascerem em determinadas zonas.

Por um lado era espectável que houvesse uma maior taxa de jogadores nascidos nas regiões com maior número de habitantes. Por outro, não deixam de ser surpreendentes os valores referentes à percentagem da amostra nascida no estrangeiro, tratando-se a mesma de uma amostra referente a uma seleção nacional.

Quadro 7: Frequências absolutas e relativas das regiões de nascimento em função da posição em campo

Posição	Avançado		Região				Total
			Estrangeiro	Lisboa	Norte	Outras	
Avançado		Contagem	20	9	24	6	59
		Cont. Esperada	13,9	15,0	22,4	-	59,0
		% dentro Posição	33,9%	15,3%	40,7%	-	100,0%
		% dentro Região	42,6%	17,6%	31,6%	-	29,5%
		% Total	10,0%	4,5%	12,0%	3,0%	29,5%
		Resíduos ajustados	2,2	-2,2	,5	-	
Defesa		Contagem	12	18	19	9	58
		Cont. Esperada	13,6	14,8	22,0	-	58,0
		% dentro Posição	20,7%	31,0%	32,8%	-	100,0%
		% dentro Região	25,5%	35,3%	25,0%	-	29,0%
		% Total	6,0%	9,0%	9,5%	4,5%	29,0%
		Resíduos ajustados	-,6	1,1	-1,0	-	
GR		Contagem	4	9	11	2	26
		Cont. Esperada	6,1	6,6	9,9	-	26,0
		% dentro Posição	15,4%	34,6%	42,3%	-	100,0%
		% dentro Região	8,5%	17,6%	14,5%	-	13,0%
		% Total	2,0%	4,5%	5,5%	1,0%	13,0%
		Resíduos ajustados	-1,0	1,1	,5	-	
Médio		Contagem	11	15	22	9	57
		Cont. Esperada	13,4	14,5	21,7	-	57,0
		% dentro Posição	19,3%	26,3%	38,6%	-	100,0%
		% dentro Região	23,4%	29,4%	28,9%	-	28,5%
		% Total	5,5%	7,5%	11,0%	4,5%	28,5%
		Resíduos ajustados	-,9	,2	,1	-	
Total		Contagem	47	51	76	26	200
		Cont. Esperada	47,0	51,0	76,0	-	200,0
		% dentro Posição	23,5%	25,5%	38,0%	-	100,0%
		% dentro Região	100,0%	100,0%	100,0%	-	100,0%
		% Total	23,5%	25,5%	38,0%	13,0%	100,0%

No primeiro caso, esse facto poderá estar relacionado com o elevado número de equipas do Norte e de Lisboa e Vale do Tejo nas duas principais ligas portuguesas. Com uma maior popularidade surgem também mais responsabilidades por parte da estrutura técnica do clube que é quase obrigada a assegurar boas condições para a prática desportiva, não só para o seu futebol profissional, mas também para os seus jovens jogadores.

No caso do elevado número de jogadores nascidos no estrangeiro, poderão surgir algumas interrogações quanto à filosofia de trabalho do futebol de formação em Portugal, que pelos dados acolhe muitos jogadores vindos do estrangeiro.

Olhando agora para os resultados específicos obtidos para cada posição, constata-se que:

No caso dos **Guarda-Redes**, dos **Defesas** e dos **Médios** não há diferenças significativas.

Já na posição mais dianteira, os **Avançados** apresentam resultados que se mostram surpreendentes. Por um lado temos que 33,9% dos Avançados deste trabalho provêm do Estrangeiro, verificando-se um a valor residual ajustado de 2,2; por outro temos um valor residual ajustado de -2,2 para o caso dos avançados nascidos na região de Lisboa e Vale do Tejo, mostrando uma frequência bastante abaixo da esperada.

Por um lado, nos últimos anos, Portugal tem sido conhecido pelos pares por ter uma boa “escola”, de “extremos” – habitualmente encaixados no perfil de Avançados – mesmo de nível Mundial. Cristiano Ronaldo, Figo e Nani são apenas alguns desses bons exemplos que mostram que em Portugal, têm nascido bons “exemplares” do sector ofensivo. Porém, o futebol de formação a nível nacional tem sido criticado por, precisamente, não exponenciar as qualidades indispensáveis para se ser um bom Avançado: a criatividade e imprevisibilidade têm sido apontadas como características cada vez menos presentes nos Avançados portugueses, tanto ao nível do futebol sénior como da formação.

Com esse resultado, pode-se supor que Portugal passe por uma fase de recrutamento de jovens Avançados na Diáspora que procure, colmatar as lacunas existentes nos jovens jogadores portugueses.

3.3.2.3. ... em função dos distritos e países de nascimento.

De uma forma mais analítica volta-se a analisar sobre um contexto mais Micro, e olhando para os resultados obtidos sobre o distrito de nascença dos jovens jogadores portugueses de elite. Assim, como se pode ver na Figura 4, apura-se de imediato que alguns distritos não oferecem sequer um jogador para esta amostra, sendo eles Castelo Branco, Guarda e Portalegre.

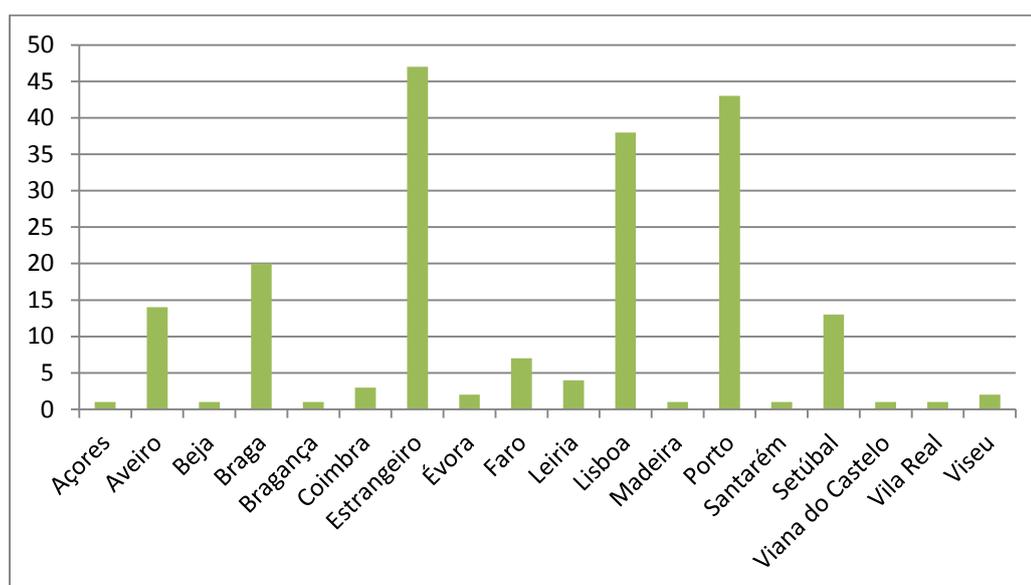


Figura 4: Frequência dos jogadores convocados segundo o seu distrito de nascimento

Compreende-se que o número populacional nestes três distritos não seja muito elevado, o que condiciona desde logo o número de praticantes e potenciais escolhas para as diferentes seleções. Contudo, outros distritos também não o são e conseguem ceder jogadores ao estudo, daí ter de haver a necessidade de os dirigentes tanto da Federação Portuguesa de Futebol, como das Associações de Futebol Local, olharem para esta problemática.

Já na vertente dos mais representados, Lisboa e Porto são os distritos que mais jogadores oferecem a esta amostra. Esse valor mais elevado poderá ter em conta o facto de serem nestes dois distritos que as principais equipas portuguesas, FC Porto, SL Benfica e Sporting CP, assim como muitos outros clubes presentes na principal competição nacional, estão sediados.

Olhando agora para os países estrangeiros de nascimento dos jogadores desta amostra, presentes na Figura 5, verifica-se que a Guiné-Bissau apresenta um número bastante elevado de selecionados, ultrapassando os 20 jovens jogadores.

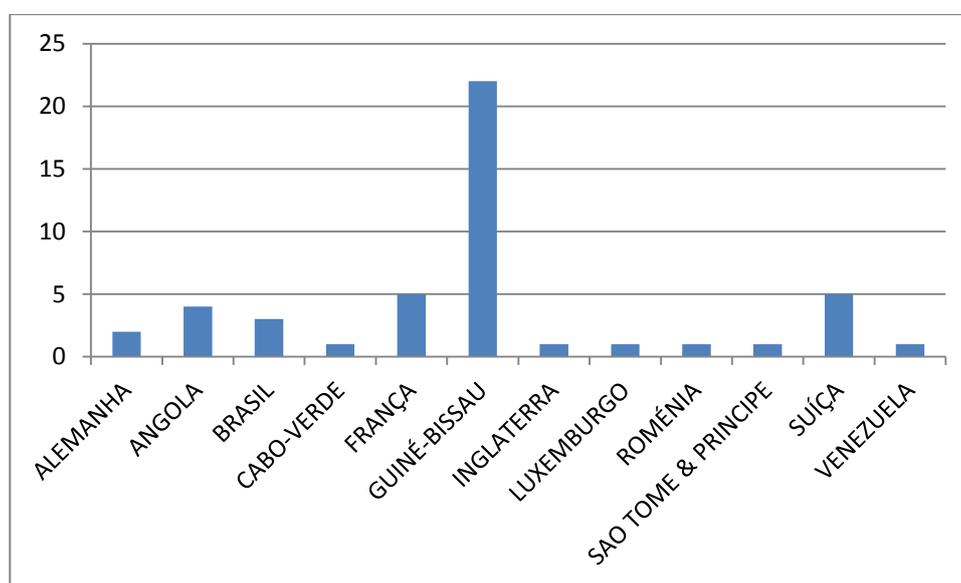


Figura 5: Frequência dos jogadores convocados nascidos no estrangeiro segundo o seu país de origem

Contudo, a análise de tais resultados ultrapassa o âmbito deste estudo, já que se poderia estar a entrar por temáticas sociológicas e demográficas, abordando mesmo questões ligadas a fluxos de imigração.

3.3.3. A identificação do Jogador de Futebol Jovem de Elite em Portugal!

Indo agora de encontro à questão da identificação do experto no futebol jovem português de elite, pode-se observar no Quadro 8 que mais de três

quartos dos jogadores da amostra foram internacionais apenas quando representaram clubes fora do seu concelho de nascimento. Com esses dados, pode-se afirmar que é importante ceder-se uma importância bastante significativa no processo de recrutamento de expertos no futebol jovem em Portugal, em especial na capacidade de se saberem identificarem esses mesmos expertos.

Quadro 8: Frequências absolutas e relativas dos jogadores convocados fora do seu concelho de nascimento em função dos trimestres de nascimento.

		Quartil				Total	
		Q1 0-3mês	Q2 4-6mês	Q3 7-9mês	Q4 10-12mês		
Convocados fora do seu concelho de nascimento (CFCN)	Não	Contagem	23	11	4	8	46
		Cont. Esperada	20,2	11,5	7,4	6,9	46,0
		% dentro CFCN	50,0%	23,9%	8,7%	17,4%	100,0%
		% dentro Escalão	26,1%	22,0%	12,5%	26,7%	23,0%
		% do Total	11,5%	5,5%	2,0%	4,0%	23,0%
		Residual Ajustado	,9	-,2	-1,5	,5	
	Sim	Contagem	65	39	28	22	154
		Cont. Esperada	67,8	38,5	24,6	23,1	154,0
		% dentro CFCN	42,2%	25,3%	18,2%	14,3%	100,0%
		% dentro Escalão	73,9%	78,0%	87,5%	73,3%	77,0%
		% do Total	32,5%	19,5%	14,0%	11,0%	77,0%
		Residual Ajustado	-,9	,2	1,5	-,5	
Total	Contagem	88	50	32	30	200	
	Cont. Esperada	88,0	50,0	32,0	30,0	200,0	
	% dentro CFCN	44,0%	25,0%	16,0%	15,0%	100,0%	
	% dentro Escalão	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% do Total	44,0%	25,0%	16,0%	15,0%	100,0%	

Esta suposição parte do princípio que os jogadores que foram chamados às seleções nacionais devido à presença em clubes fora do seu concelho de nascença, tenham, nalgum momento da sua carreira desportiva, sido recrutados pelos clubes em que foram chamados para representarem as respetivas seleções.

A valorização é ainda maior quando olhamos para um plantel de 23 jogadores (número de jogadores das equipas nas competições FIFA), em que 17 deles (aproximadamente 77%), foram recrutados.

Os valores da presente investigação vão um pouco de encontro ao artigo de Costa e colaboradores (2013) quando verificaram que cerca de 69,4% dos jogadores da Serie A Brasileira de Futebol provinham de cidades com menos 1 milhão de habitantes. Tal facto ganha significado quando 90% das equipas são sediadas em cidades com, precisamente mais de 1 milhão de habitantes fazendo supor uma elevada quantidade de jogadores recrutados no principal campeonato brasileiro.

Os mesmos investigadores sugerem que o processo de recrutamento poderá “ter ocorrido pelo fato destes clubes de futebol oferecerem melhores condições de treino, no que refere a profissionais qualificados, campos de treino, alojamento, alimentação, entre outras condições que permitiam aos jovens jogadores estarem focados no desenvolvimento das suas habilidades desportivas. A visibilidade social e as possibilidades de fazerem carreira desportiva e serem selecionados, mesmo que nas categorias de base, (...) são fatores que também podem ser considerados como motivadores para a migração dos jogadores em idades de formação desportiva” (2013).

Contudo, quando se discriminam os dados em função dos quartis verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas.

Também nos dados referentes à relação entre a representação dos clubes dos seus concelhos de nascimento com a posição ocupada em campo, os valores não apresentam grande significado estatístico, tal como se pode observar no Quadro 9.

Esse pressuposto surge na análise das diferentes frequências comparativamente a cada posição, já que os valores entre cada uma delas não diferem muito.

Com os valores de ambos os quadros, é aceitável afirmar-se que a formação e o desenvolvimento de expertos a longo prazo nos clubes de elite – isto é, que cedem jogadores às seleções jovens nacionais – poderá ter graves lacunas, devido à suposição de que apenas uma curta percentagem de jogadores de topo faz carreira apenas e só num único clube.

Quadro 9: Frequências absolutas e relativas dos jogadores convocados fora do seu concelho de nascimento em função das posições em campo.

			Posição				
			Avançado	Defesa	GR	Médio	Total
Convocados fora do seu concelho de nascimento (CFCN)	Não	Contagem	14	14	5	13	46
		Cont. Esperada	13,6	13,3	6,0	13,1	46,0
		% dentro CFCN	30,4%	30,4%	10,9%	28,3%	100,0%
		% dentro Escalão	23,7%	24,1%	19,2%	22,8%	23,0%
		% do Total	7,0%	7,0%	2,5%	6,5%	23,0%
		Residual Ajustado	,2	,2	-,5	,0	
	Sim	Contagem	45	44	21	44	154
		Cont. Esperada	45,4	44,7	20,0	43,9	154,0
		% dentro CFCN	29,2%	28,6%	13,6%	28,6%	100,0%
		% dentro Escalão	76,3%	75,9%	80,8%	77,2%	77,0%
		% do Total	22,5%	22,0%	10,5%	22,0%	77,0%
	Residual Ajustado	-,2	-,2	,5	,0		
Total	Contagem	59	58	26	57	200	
	Cont. Esperada	59,0	58,0	26,0	57,0	200,0	
	% dentro CFCN	29,5%	29,0%	13,0%	28,5%	100,0%	
	% dentro Escalão	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% do Total	29,5%	29,0%	13,0%	28,5%	100,0%	

3.4. CONCLUSÃO

Na necropsopia do presente estudo, parece evidenciar-se a existência de um possível Efeito da Idade Relativa (EIR) e do Efeito do *Birthplace* (EB). Em ambos os casos, observaram-se valores que poderão inferir uma presença das inquietudes iniciais levantadas.

Neste sentido, de acordo com objetivos propostos, poderemos inferir que:

- Parece existir uma relação entre o quartil de nascimento e a posição que ocupam em campo, e o quartil de nascimento e a região geográfica de onde são oriundos;

- Quando analisámos o quartil de nascimento com o nível de competição (escalão) podemos observar em todos os escalões, uma superioridade no 1º quartil, exceto no último escalão, ou seja nos sub-21 há uma prevalência do 2º quartil;

- Na comparação do nível de competição (escalão) com a posição dentro do campo, quase que poderá dizer que nos escalões mais jovens, o nº de avançados está presente e à medida que se aproxima dos escalões mais velhos, diminuem o nº de avançados e aumentam os defesas e os médios;

- Já na análise do EB, e de acordo com a ascensão dos jogadores, segundo o intervalo populacional, parece existir um contexto específico de maior desenvolvimento de experts – entre 55.399-93.858 habitantes – sem que, no entanto, o mesmo intervalo seja assim tão relevante em relação aos outros. Da mesma forma, os resultados também sugerem que existe um intervalo populacional - 181.495-237.591 habitantes - em que os jogadores nascidos nessas zonas poderão ter muito poucas chances de alcançar patamares de excelência;

- Parece existir uma relação entre a naturalidade e as posições em campo;

- No que refere aos distritos de onde são naturais os jovens jogadores de elite portugueses, parece ser evidente a presença dos distritos mais populacionais, Lisboa e Porto, que acabam por municiar o maior número de jogadores para as seleções nacionais;

- Ao nível dos jogadores que provêm do estrangeiro, quantidade razoavelmente elevada, a Guiné-Bissau manifesta ser um contexto muito vantajoso à formação e desenvolvimento de experts;

- Para finalizar, sugere-se a importância de se valorizar mais a problemática relativa ao recrutamento de expertos no futebol jovem de elite em Portugal.

IV. CONCLUSÕES GERAIS

Através desta investigação pode-se constatar que existe um EIR e um EB para que os jovens jogadores portugueses de futebol consigam chegar a patamares superiores de rendimento, ao ponto de serem chamados para representar as diferentes seleções nacionais jovens de futebol, dos Sub15 aos Sub21.

Com estes resultados pode-se supor que a data de nascimento, direta ou indiretamente, influencia o processo de identificação de um jovem jogador português de elite.

Também na relação entre os trimestres de nascimento e as posições ocupadas em campo, verificou-se um EIR. O mesmo, curiosamente, manifesta-se em menor escala na posição de guarda-redes, onde a altura é normalmente mais valorizada. O EIR constata-se ainda quando se comparam os quartis de nascimento com as às regiões de nascimento. Por último, e tendo em consideração o escalão ao qual os jogadores são convocados, constata-se um EIR, em todos os escalões, exceto no Escalão de Sub21.

Com esta última observação, poderá supor-se que o EIR tem uma estreita ligação à dimensão física do jogador, já que no escalão onde essa dimensão está mais equilibrada, não houve diferenças significativas de frequência nos três primeiros trimestres de nascimento.

Neste estudo, observou-se também que o local de nascimento atua nas chances dos jovens jogadores de futebol em Portugal conseguirem alcançar patamares de excelência. Pode-se por isso afirmar que existe um EB, nos jogadores de futebol de elite portugueses.

Intervalos específicos de desenvolvimento e castração do expertise parecem existir em Portugal. Por um lado, esta investigação mostrou que as cidades entre 55.399-93.858 habitantes parecem oferecer condições especiais de exponenciação (OR=2,06) das qualidades dos jogadores. Por outro, as cidades com população entre os 181.495-237.591 habitantes manifestam-se como castradoras (OR=0,00) do potencial dos jovens jogadores portugueses, não lhes oferecendo tantas chances para alcançarem a elite.

Quando confrontados os dados entre a naturalidade e as posições ocupadas em campo, comprova-se que existem valores significativos que permitem concluir que há uma ligação entre estas duas variáveis. No entanto, essa ligação só existe no caso dos defesas, médios e avançados, não tendo significado estatístico os valores recolhidos para os guarda-redes.

Passando para uma análise mais regional, comparando a região de nascimento e as posições ocupadas em campo, verifica-se novamente o EB, em especial no caso dos avançados. A investigação revela que existem valores excecionais nesta relação, em especial nos valores que mostram um número elevado de avançados que nasceram no estrangeiro.

Poder-se-á também concluir que os cinco distritos mais populosos em Portugal são aqueles que apresentam um número maior de jogadores nas convocatórias, embora a ordem não seja propriamente a mesma. Já a elevada quantidade de jogadores nascidos no estrangeiro não deixa de ser curiosa, tratando-se a amostra de um nicho de jogadores referentes às seleções nacionais. Em especial a Guiné-Bissau, parece possuir um contexto extremamente interessante de aparecimento e desenvolvimento de expertos no futebol.

Por último, deve ser ainda feita referência à quantidade razoavelmente elevada de jogadores presentes na amostra que apenas foram convocados para as seleções quando jogavam em clubes fora do seu conselho de nascimento. Por isso, parece certo afirmar-se que é essencial saber-se identificar um experto no futebol, diferenciando-o de um não-experto, devido à necessidade que existe, por parte dos clubes, associações e federações, em terem de recrutar os melhores.

Propostas metodológicas

Abordando o EIR, com tamanha discrepância de valores relativos aos jovens nascidos no primeiro trimestre do ano comparativamente aos outros trimestres, em especial ao último, pode surgir a necessidade dos treinadores terem de alterar os seus comportamentos no treino.

Desde logo, e indo de encontro às ideias de Romann e Fuchslocher (2011) seria importante incluir nos programas de educação e treino desportivo, o processo de formação desportiva a longo prazo, assim como o processo de identificação de expertos desportivos. Com um conhecimento mais vasto deste complexo caminho desde a iniciação ao alto rendimento, os professores, treinadores e outros técnicos poderiam adotar comportamentos mais adequados com as questões ligadas ao crescimento, à maturação e ao desenvolvimento dos diferentes domínios específicos do expertise.

Seria também importante para os treinadores e para os scouts (ou “olheiros”) terem presente no seu trabalho as datas de nascimento dos jogadores com quem lidam, com o intuito de fazer um julgamento mais contextual às suas capacidades.

Assim, os treinadores poderão ter de ajustar os seus feedbacks e ceder mais oportunidades aos jovens nascidos no final do ano com vista a que não saiam prejudicados do seu atraso maturacional. Já aos scouts, pede-se que tenham a preocupação de adaptar a sua avaliação ao atraso potencial que poderá surgir nos jogadores nascidos no final do corte do período de seleção.

Propõe-se também, tal como a Barnsley et al (1992), a criação de quotas nos diferentes torneios inter-associações de futebol jovem, com vista a “obrigar” indiretamente a que as escolhas dos jogadores sejam feitas de uma forma mais equitativa. Acredita-se que não faz sentido criar estas quotas em determinadas regiões de Portugal, devido à quantidade reduzida de habitantes, daí se propor esta quotização em torneios nacionais.

Ao nível do EB, as propostas vão, sobretudo, para a tentativa de aumento do número de jogadores expertos em contextos menos representados.

A formação de técnicos de futebol jovem, qualificados, é, em todo o país, importante. Contudo, nestas zonas menos profícuas é ainda mais fundamental já que o contexto de treino/competição não se mostra tão estimulante como noutras zonas do país.

Assim cabe à Federação Portuguesa de Futebol identificar quais as suas Associações de Futebol mais limitadas em número de jogadores expertos, oferecendo formações técnicas aos treinadores que lhes permitam combater esse problema.

Numa proposta mais local, seria também importante recompensar anualmente os clubes que melhores jogadores formassem, tanto na categoria profissional como na categoria amadora, com o intuito de promover uma competitividade saudável entre clubes formadores. Assim, os clubes que conseguissem apresentar, numa temporada, mais jogadores oriundos da formação da época anterior, eram premiados. Contudo, teriam de ser jogadores com um papel ativo na equipa, e não apenas um papel estatístico – relação qualidade/quantidade e não apenas quantidade.

Seria também curioso assistir-se a uma quotização das convocatórias nacionais em função dos distritos ou regiões demográficas portuguesas. Não fará muito sentido ver-se na equipa principal de cada escalão esta ideia, mas pelo menos através da formação de seleções jovens nacionais “B” que vissem todos os seus distritos representados

V. CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS

Ao longo da realização desta investigação foram aparecendo alguns obstáculos que condicionaram a realização da mesma, tanto na componente mais teórica, como na componente mais prática.

Desde logo pela escassa literatura ajustada aos nossos objetivos em alguns pontos desta investigação. Verificou-se que não existem muitos estudos com um contexto idêntico ao da presente amostra, em especial na temática sobre o EB em países menos populacionais. Em termos conclusivos, não é assim possível comparar os resultados obtidos com muitos outros casos.

Também a aplicação dos questionários poderia ter sido realizada de outra forma. Infelizmente para os investigadores, e por motivos logísticos e de agenda, sobretudo da Federação Portuguesa de Futebol, não foi possível aplicar os questionários de uma forma presencial, colaborando eles de uma forma mais ativa para o preenchimento dos mesmos, e evitando que se apresentasse um número tão elevado de respostas indefinidas.

Por outro lado, tendo em conta o caminho que o futebol e o desporto seguem neste momento, para uma dimensão cada vez mais competitiva, seria interessante verificarem-se outros estudos que explorassem o processo de formação do expertise.

Para o desporto em geral, e o futebol em particular, propõe-se os seguintes temas de pesquisa para que se possa contribuir para o desenvolvimento do expertise em Portugal:

- Investigar as mesmas variáveis deste estudo – local e data de nascimento – em internacionais portugueses seniores de futebol;
- Analisar outras variáveis como a prática desportiva, a resiliência – capacidade do indivíduo lidar, superar e resistir a situações adversas – como elementos preconizadores do expertise;
- Averiguar estratégias eficazes que permitam o aparecimento de mais jovens jogadores expertos de futebol tanto em regiões sem qualquer expressão neste estudo, como naqueles que tenham nascido nos últimos meses do ano;

- Entender melhor o contexto específico da Guiné-Bissau, como nicho potenciador de expertos no futebol.
- Estudar comparativamente o processo de formação de “internacionais jovens portugueses não-internacionais AA vs não-internacionais jovens internacionais AA”.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abernethy, B., & Farrow, D. (2005). Contextual factors influencing the development of expertise in Australian athletes. In Proceedings of the ISSP 11th World Congress of Sport Psychology [CD]. Sydney: International Society of Sport Psychology.

Araújo, D. (2004). A insustentável relação entre talento e peritos: talento epigenético e desempenho emergente. *Revista Treino Desportivo*, 6, 46 – 58.

Baker, J., Horton, S., Robertson-Wilson, J., & Wall, M. (2003). Nurturing sport expertise: Factors influencing the development of the elite athlete. *Journal of Sports Science and Medicine*, 2, 1-9.

Barnsley R. H., Thompson, A. H., Legault, P. (1992). Family Planning: Football style. The relative age effect in football. *International Review for the Sociology of Sport*, 27 (1), 77-87.

Bloom, B. S (1985). Developing talent in young people. New York: Ballantine.

Costa, I. T., Cardoso, F. S. L. & Garganta, J. (2013). O Índice de Desenvolvimento Humano e a Data de Nascimento podem condicionar a ascensão de jogadores de Futebol ao alto nível de rendimento? *Revista Motriz*, Rio Claro, v.19 n.1, p.34-45.

Costa, J. (2009). Projecto Formação: Análise e Caracterização da Estruturação do Departamento de Futebol de dois clubes de Elevada Dimensão em Portugal. Porto: Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Côté. J. (1999). The influence of the Family in the development of talent in sport. *The Sport Psychologist*.13. 395-417.

Côté, J.; Baker, J. & Abernethy, B (2003): From play to practice: a developmental framework for the acquisition of expertise in team sports. In Janet L. Starkes, K. Anders Ericsson (Editors), Expert performance in sports: advances in research on sport expertise. Part III; Chapter 4: 89-114.

Côté, J., MacDonald D. J., Baker, J. & Abernethy, B. (2006). When "where" is more important than "when": birthplace and birthdate effects on the achievement of sporting expertise in Journal of sports sciences. Journal of Sports Sciences, Londres, v.24, n.10, p.1065-1073. 2006.

Davids, K., & Baker, J. (2007). Genes, environment and sport performance – Why the nature nurture dualism is no longer relevant. Sports Medicine, 37, 961–980.

Deprez, D., Vaeyens, R., Coutts, A. J., Lenoir, M. & Phillipaerts, R. (2012). Relative Age Effect and Yo-Yo IR1 in Youth Soccer. International Journal of Sports Medicine; 33: 987–993.

Dias, F. (2005). De Principiante a Experto ou... Simplesmente Experto?!... Conseguirá a Prática Deliberada explicar a Expertise no Futebol? – A perspectiva do Professor Vítor Frade. Monografia não publicada, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto.

Dicionário da Língua Portuguesa - 2006 (2005: 1595)

Ericsson, K.; Krampe, R. & Tesch-Romer, C. (1993). The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. Psychological Review, 100, 363-406.

Ericsson, K. A. (1996). The Road To Excellence – The Acquisition of Expert Performance in Arts and Sciences, Sports and Games

Ericsson, K. (2003). Development of elite performance and deliberate practice: Na update from the perspective of the Expert performance approach. In Janet L. Starkes, K. Anders Ericsson, (Editors), Expert performance in sports: advances in research on sport expertise. Part II; Chapter 3: 49-84.

Federação Portuguesa de Futebol (2014). Seleções Nacionais Portuguesas. [em linha] disponível em <http://www.fpf.pt/Selecoes> [consulta em Abril, Maio e Junho de 2014]

Folgado, H. A., Caixinha, P. F., Sampaio, J. & Maças, V. (2006). O efeito da idade cronológica na distribuição dos Futebolistas por escalões de formação e pelas diferentes posições específicas. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 6 (3), 349-355.

Fonseca, H. (2012). O Efeito da Idade Relativa no Futebol. Estudo realizado em jovens jogadores Internacionais nos Campeonatos do Mundo de Sub-17. Porto: H. Fonseca. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Garganta, J. (1995). Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In A. Graça & J. Oliveira (Eds.), *O ensino dos jogos desportivos* (pp. 11-25). Porto: FCDEF-UC

Garganta, J. (2009). Identificação, Selecção e Promoção de Talentos nos Jogos Desportivos Colectivos: Factos, Mitos e Equívocos. In J. Fernandez, G. Torres & A. Montero (Eds.), *Actas do II Congreso Internacional de Deportes de Equipo*. Centro de Formación de Alto Rendimiento. Universidad de A Coruña.

Goleman, D. (2003). INTELIGÊNCIA EMOCIONAL (M. D. Correia, Trans. 12ª ed.). Lisboa: Temas e Debates.

Gutierrez, D., Pastor, J. C., González, S. & Jordán, O. C. (2010). The relative age effect in youth soccer players from Spain. *Journal of Sports Science and Medicine* 9, 190-198.

Hancock, D. J., Adler, A. L. & Côté, J. (2013) A proposed theoretical model to explain relative age effects in sport, *European Journal of Sport Science*, 13:6, 630-637.

Helsen, W., Starkes, J. & Van Winckel, J. (1998). The influence of relative age on success and dropout in male soccer players. *American Journal of Human Biology*, 10, 791-798.

Instituto Nacional de Estatística (2014). Censos 2001. [em linha] disponível em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main [consulta de Abril a Outubro de 2014]

Janelle, C. & Hillman, C. (2003). Expert performance in sport: Current perspectives and critical issues. In *Expert performance in sports: advances in research on sport expertise*. Janet L. Starkes, K. Anders Ericsson, editors. Parte II; Chapter 2: 19-48.

Leite, N. (2008). *Treino Desportivo em Basquetebol – Caracterização do Processo de Preparação Desportiva a Longo Prazo em Portugal*. Dissertação de Doutoramento em Ciências do Desporto/Treino Desportivo. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Levitin, D. J. (2007). *Uma Paixão Humana – O seu Cérebro e a Música* (B. P. Coelho, Trans. 1ª ed.). Lisboa: Editorial Bizâncio.

Lidor, R., Côté, J., Arnon, M., Zeev, A., & Cohen-Maoz, S. (2010). Relative age and birthplace effects in Division 1 players – Do they exist in a small country? *Talent Development and Excellence*, 2, 181-192.

Lobo, L. F. (2003). O Novo Ajax 2002/03: Silêncio, Estamos a Construir o Futuro! Consult. 12 de Março de 2008, [em linha]: <http://www.planetadofutebol.com/index.php?search=sil%EAncio&page=2>.

MacDonald, D. J., Cheung, M., Côté, J. & Abernethy, B. (2009). "Place but not Date of Birth Influences the Development and Emergence of Athletic Talent in American Football", *Journal of Applied Sport Psychology*, 21:1, 80 — 90
MacDonald, D. J., King, J., Côté, J., & Abernethy, B. (2009). Birthplace effects on the development of female athletic talent. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 12, 234–237.

Maciel, J. (2008). A (In)(Corpo)r(Ação) Precoce dum jogar de Qualidade como Necessidade (ECO)ANTROPOSOCIALTOTAL – Futebol um Fenómeno AntropoSocialTotal, que “primeiro se estranha e depois se entranha” e... logo, logo, ganha-se! Monografia não publicada, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto.

Marques (Eds.), *Esporte e atividade física. Interação entre rendimento e saúde* (pp. 145 – 162). Barueri: Manole.

Marques, A. (2005) Material de Apoio da Disciplina de Teoria e Metodologia do Treino Desportivo. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Medic, N., Janet, L., Starkes, J. & Young, B. (2007). Examining relative age effects on performance achievement and participation rates in Masters athletes. *Journal of Sports Sciences*, 25 (12), 1377-1384.

Merton, R. K. (1968). The Matthew effect in science. *Science*, 159, 56_63. doi:10.1126/science.159.3810.56

Musch, J., & Hay, R. (1999). The relative age effecting soccer: Cross-cultural evidence for a systematic discrimination against children born late in the competition year. *Sociology of Sport Journal*, 16, 54-64.

Musch, J. & Grondin, S. (2001). Unequal Competition As An Impediment to Personal Development: A Review of the Relative Age Effect in Sport. *Developmental Review*, 21 (2), 147-167.

Pacheco, R. (2001). *O ENSINO DO FUTEBOL DE 7 – Um Jogo de iniciação ao Futebol de 11*: Edição de Autor.

Rigney, D. (2010). *The Matthew effect: How advantage begets further advantage*. New York, NY: Columbia University Press.

Romann, M. & Fuchslocher, J. (2011). Relative age effects in Swiss junior soccer and their relationship with playing position. *European Journal of Sport Science*; 1-8.

Salinero, J. J., Pérez, B., Burillo, P. & Lesma, M. L (2013) Relative age effect in european professional football. Analysis by position. *J. Hum. Sport Exerc.*, 8(4), pp.966-973.

Sherar, B., Baxter-Jones, A., Faulkner, R. & Russell, K. (2007b). Do physical maturity and birth date predict talent in male youth ice hockey players? *Journal of Sports Sciences*, 25 (7), 879-886.

Starkes, J., & Ericsson, K. A. (2003) *Expert Performance In Sports – Advances in Research on Sport Expertise*. Champaign: Human Kinetics.

Syed, M. (2010). *Bounce: Mozart, Federer, Picasso, Beckham, e a ciência do sucesso*. Alfragide: Academia do Livro.

Tani, G. (2002). Aprendizagem motora e esporte de rendimento: um caso de divórcio sem casamento. In V. J. Barbanti, A. C. Amadio, J. O. Bento & A. T.

Theiler, J. (sem data). A Comparative Study: Ericsson's Theory of Expertise and Gardner's Theory of Multiple Intelligences. University of Nebraska at Lincoln.

Vincent, J. & Glamser, F. D. (2006). Gender differences in relative age effect among US Olympic Development Program youth soccer players. *Journal of Sports Sciences* 24(4): 405-413.

Ward, P. & Williams, A. (2003). Perceptual and cognitive skill development in soccer: The multidimensional nature of expert performance. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 25, 93-111.

Williams, J. H. (2010). Relative age effect in youth soccer: analysis of the FIFA U17 World Cup competition. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*; 20: 502-508.

Williams, M. (2000). Perceptual skill in soccer: implications for talent identification and development. *Journal of Sports Sciences*. 18, 737-740.

